



**FUNDAMENTOS PARA A PESQUISA E O ESTUDO MILITAR CRÍTICO DA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL E, A TEORIA DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO ,OU TEMAS HISTÓRICOS SOBRE O EMPREGO DAS FTB, PARA A PESQUISA E ESTUDO MILITAR CRÍTICO, COM VISTAS A FORMAÇÃO DO COMBATENTE E AO DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA**

**IMPORTANTE PARA O PROFISSIONAL MILITAR BRASILEIRO!!!**



**Cel Claudio Moreira Bento**

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras. Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. O autor foi Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980. Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante período que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980.

**Esta trabalho foi digitalizado do Manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército , a seguir para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno para ser integrado ao Projeto Pérgamo de Bibliotecas do Exército.**



Fundada em  
1º de março de 1996

# ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

## COMO ESTUDAR E PESQUISAR A HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

2ª Edição  
1999

### **INFORMAÇÃO IMPORTANTE !!!**

Os subsídios a seguir, os capítulos 4 e 5 do Manual de nossa autoria, **COMO ESTUDAR E PESQUISAR A HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**, edições de 1978 e 1999, mandados editar pelo Estado-Maior do Exército, através do EEGCF e distribuídos amplamente às escolas AMAN, EsAO e ECEME e hoje disponível para ser baixado em **LIVROS E PLAQUETAS** do site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br).

Subsídios importantes para o profissional militar realizar pesquisas de História Militar Crítica, com vistas a obter subsídios, que segundo Diretriz do EME, possam interessar ao Ensino e Instrução Militar dos Quadros e da Tropa, ao desenvolvimento da Doutrina Militar Brasileira e, a pesquisa, preservação e divulgação do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

O Capítulo 4 fornece a relação dos fundamentos diversos para a Pesquisa e Militar Crítico da História Militar do Brasil, e o Capítulo 5 a Teoria de História do Exército Brasileiro, ou a relação de emprego de força em lutas Internas e externas, e em especial, e constantes do SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE ASSUNTOS DE HISTÓRIA DAS FTB, do EME - 1971, e elaborado pela Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército CHEB, presidida pelo Cel Francisco Ruas Santos e a qual integramos em 1971-1974, até a sua extinção e cooperamos para a sua formulação, em especial sobre as Guerras Holandesas e Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul 1774-1776 e Guerra Cisplatina. 1821-1928.

## **CAPITULO 4**

### **FUNDAMENTOS PARA A PESQUISA E O ESTUDO MILITAR CRÍTICO DA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL**

#### **História como instrumento da edificação do futuro de um Exército**

Não basta a simples leitura de fatos históricos militares, para deles colher subsídios que contribuam para alicerçar o progresso de uma força armada considerada, na sua instrução e doutrina (1).

E impositivo que a leitura e a pesquisa sejam feitas à luz de elementos de crítica. Elementos que, em princípio, informam a Doutrina Militar do Exército, ministrada nas seguintes escolas: AMAN, EsAO, ECEME e inclusive na ESG. Estas escolas, pois, ensinam os elementos de crítica à luz dos quais História do Exército deve ser pesquisada e estudada. O presente capítulo abordará os principais elementos de crítica (2).

#### **Fundamento Filosófico**

**Brasil, país sob Deus:** O Brasil é tradicionalmente cristão e democrático.

Esta tradição encontra-se consagrada nas primeiras palavras ou preâmbulo da Constituição Federal:

***"O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus decreta e promulga o seguinte".***

Segundo Pontes de Miranda, a crença na existência num ser superior deve iluminar toda a nossa Carta Magna.

Em matéria de interpretação histórica, é excluída a concepção filosófica materialista, base do materialismo histórico expresso por Marx e Engels, no Manifesto Comunista em, 1847.

### **Fundamentos Críticos - Objetivos Nacionais Permanentes**

Estes são importantes elementos de crítica e interpretação, para o estudioso e pesquisador da História do Exército Brasileiro. Antes de abordá-los, é importante recordar alguns conceitos relativos à Expressão Militar do Poder Nacional, que o Exército integra como uma de suas expressivas parcelas, e tratados pela ESG (3).

**Poder Nacional:** É o instrumento de que dispõe a Nação para, sob a direção do Estado, conquistar e manter seus Objetivos.

**Expressão Militar do Poder Nacional:** Constituída de meios predominantemente militares, de que dispõe a Nação para, sob a direção do Estado, promover, pela dissuasão ou pela coação, a conquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais" (4).

**Caracterização da Expressão Militar:** Caracterizada pelos efeitos na área de Segurança Nacional, tanto no campo interno como no externo (5).

Estes conceitos acima são fundamentais para o pesquisador e estudioso da História do Exército, em razão de ser esta força parcela significativa da Expressão Militar do Brasil. Terão pois que estudar e pesquisar quais os efeitos gerados pelo Exército, ao longo de seu processo histórico, nos campos interno e externo da Segurança Nacional. E, mais, as projeções do Exército nas expressões política, social e econômica do Poder Nacional, por ser este um todo integrado e indivisível. Pois, sua divisão, em expressões do poder, é apenas didática para facilitar análises.

**Objetivos Nacionais Permanentes (ONP):** É o Exército, parcela da Expressão Militar do Poder Nacional, e, o Poder Nacional, o instrumento de que dispõe o Brasil para, sob a direção do Estado Brasileiro, conquistar e manter seus Objetivos Nacionais Permanentes. Decorre disto, para o historiador do Exército, a filosofia que norteará seu trabalho interpretativo da contribuição do Exército para a preservação dos Objetivos Nacionais Permanentes ao longo de nosso processo histórico (5). Os ONP representam interesses e aspirações vitais da Nação Brasileira e que por esta razão subsistem durante longo período de tempo. São assim enumerados pela ESG, sobre os quais o estudioso e historiador do Exército deverá responder às seguintes perguntas:

**ONP - Integridade Territorial:** Qual tem sido ou qual foi a contribuição do Exército num momento considerado, ***"para preservar o território nacional em toda a sua extensão e manter suas fronteiras"***.

**ONP - Integração Nacional:** Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, ***"para consolidar a inteireza da comunidade nacional e a solidariedade entre seus membros, sem preconceitos ou disparidades de qualquer natureza e sua participação consciente e ativa no esforço comum de preservação dos valores que caracterizam a personalidade brasileira, tradicionalmente cristã"***?

**ONP - Progresso:** Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, ***"em todos os campos da atividade nacional"***?

**ONP - Paz Social:** Qual tem sido a contribuição histórica do Exército ou numa conjuntura considerada, ***"para o estabelecimento no Brasil de um sistema fundamentado na harmonia, na solidariedade e na solução dos conflitos de interesses entre indivíduos, grupos e categorias sociais, sob a égide do Direito,***

## ***Justiça Social e dos Valores Espirituais, Morais e Culturais que alicerçam a nacionalidade"?***

**ONP - Soberania:** Qual tem sido a contribuição do Exército, ou numa conjuntura considerada, para a "***manutenção da intangibilidade da Nação Brasileira, por contribuir para assegurar a sua faculdade de autodeterminação e a sua convivência com as demais nações, em termos de igualdade de direitos oportunidade"?***

**ONP - Democracia:** Qual tem sido a contribuição histórica do Exército, ou numa conjuntura considerada, para preservar, defender e "***aperfeiçoar o regime político, com base nos princípios democráticos e, em coerência com, a realidade brasileira"?***

Estes ONP têm caráter didático. São os constantes do **Manual Básico da ESG**. Eles, têm registrado algumas alterações ao longo da História da ESG, quanto a conceitos, mas não em sua essência.

Uma corrente de estudiosos do assunto, com a qual concordo, tem defendido, academicamente, o acréscimo do seguinte ONP: ***A preservação, fortalecimento e projeção dos valores espirituais, morais e culturais da Nacionalidade Brasileira.***

Esta mesma corrente, quanto ao campo da Doutrina Militar, defende a criação de um campo específico de seu desenvolvimento, denominado **Forças Morais**. Campo que encontra, na preservação dos valores da Nacionalidade, as motivações anímicas do por que instruir-se, lutar e morrer se preciso for, em defesa da Pátria e da Bandeira Brasileira. Do contrário, penso, poderemos correr o risco de, no futuro, sabermos o preço de tudo e desconhecermos o valor do nada. Ou, em realidade, começarmos a fazer de fato o que condenamos na filosofia materialista. Um conceito de Unidade Nacional diluído nos conceitos de Integridade Territorial e Integração Nacional, penso ser contrário às lições da história brasileira.

Como Unidade Nacional entendemos o desejo de todos os filhos do Brasil, ou naturalizados, serem brasileiros a despeito de divergências intestinas de toda a ordem que poderiam acarretar o surgimento de mais de uma nação em nosso território. E a consagrar historicamente o termo temos a expressão - Duque de Caxias, o preservador da Unidade Nacional, e sua consagração popular com o título de Pacificador, ao atuar nas lutas posteriores à Regência, que ameaçaram transformar o Brasil numa colcha de retalhos, de pequenas nacionalidades, inclusive hostis entre si. e como Integração Nacional, entendemos, academicamente num, conceito geopolítico: o ideal de que um dia, no Brasil, seu espaço geográfico, venha a ser ecumênico, por superposição a ele, dos espaços políticos econômico e social. Isto, sem desníveis regionais acentuados. Espaço no qual todos os brasileiros participem, igualmente dos benefícios e das riquezas da comunidade nacional. Integração que vem sendo feita com vias de transportes e meios de comunicações, a serviço da circulação dos brasileiros, das riquezas que produzem e de suas idéias.

Uma interpretação pelo estudioso, e historiador militar do papel histórico do Exército Brasileiro, como instituição, dará a seus dirigentes uma visão do seu passado, base para o entendimento do presente e para a moldagem do seu futuro, traduzida por estratégias, fruto de ensinamentos do que deve ser adotado, modificado ou evitado. Do contrário, corre-se o risco de repetir-se erros do passado.

Acreditamos que trabalho desta natureza, por ter de utilizar fontes sigilosas, somente deveria ser realizado por chefes, estudiosos e historiadores militares qualificados do quadro do Exército e no mais alto nível de sua administração e direção.

Os conceitos utilizados para definir a expressão militar do poder e seus elementos constitutivos, são instrumentos valiosos para a pesquisa e estudo crítico da História Militar por chefes e planejadores militares encarregados da atualização de sua doutrina e por historiadores militares. Permitem, avaliar a expressão militar de uma força considerada, em determinado momento histórico, e tirar os ensinamentos decorrentes. A ESG trata com detalhes do assunto que a seguir sintetizaremos, adaptando-os ao Exército.

Fundamentam a Expressão Militar do Exército num momento histórico considerado: Os Recursos humanos, o Território e a sua destinação Constitucional.

**Recursos Humanos:** Potencial humano, quantitativo e qualitativo, a disposição do Exército, num momento histórico considerado.

**Território:** É o território brasileiro, o patrimônio que o Exército, junto com a Marinha e Aeronáutica têm preservado. É a situação geoestratégica do território que tem influenciado historicamente na expressão militar do Exército, através dos seguintes fatores: **posição, extensão, forma, fisiografia e recursos naturais.**

**Destinação Constitucional:** Ao longo do processo histórico brasileiro, o Exército tem sofrido modificações quanto à, sua finalidade, com reflexos nos seguintes elementos que o fundamentam constitucionalmente:

- **Limitações de esfera de atribuições;**
- **Subordinação legal;**
- **Princípios de hierarquia e disciplina;**
- **-Caráter de permanência; e**
- **-Composição básica.**

A análise crítica desses elementos de 1824-1930, é rica de ensinamentos ao Exército, como instituição e como força operacional, pelos reflexos ativos na sua evolução.

Estudos recentes de Coelho, **Em busca de Identidade - o Exército e a Política na Sociedade Brasileira**, e Castro, **A Milícia Cidadã - A Guarda Ional 1831-1850**, evidenciam quão difícil foi para o Exército o período em, referência, além de apontarem lições de grande valia particularmente, com erros que não podem ser repetidos (7).

### **Fatores da Expressão Militar**

Como fatores da Expressão Militar do Exército, indicadores do estágio atingiu num momento histórico considerado, poderíamos usar como elementos de pesquisa e estudo crítico, para dirigentes, planejadores e oriadores, no mais alto nível governamental, os seguintes:

**Doutrina do Exército:** Em determinado momento histórico, como o Exército era organizado, equipado, instruído, desenvolvia as suas forças morais na guerra e foi empregado? O produto nobre a extrair é a Arte da Guerra Exército Brasileiro, por refletir as táticas e estratégias que usou quando empregado. Exemplo: **Guerra Brasília.**

**Estrutura Militar:** Em determinado momento histórico, como a FTB se organizava e qual era a sua articulação no território? Aí extrairemos subsídios para desenvolver a Geo-História Militar do Brasil.

**Alto Comando:** Em determinado momento histórico, quais eram os critérios de seleção e padrões culturais profissionais e gerais dos integrantes do Comando e como este atuava?

**Integração do Exército com as demais Forças Singulares:** Em determinado momento histórico, qual era o grau de integração do Exército com Marinha e Aeronáutica e o rendimento de operações conjuntas? Rico e relevante filão a explorar!

**Instrução:** Qual era em determinado momento histórico a capacidade erativa e a eficiência do apoio logístico no Exército, produto da instrução?

**Moral Militar e Virtudes Militares,** a qualidade, em determinado momento histórico, do Moral do Exército e como era preservado e fortalecido?

### As Virtudes Militares

Como as demais funções sociais a profissão militar possui sua escala de valores ou axiológica específica, traduzida por Virtudes Militares. Como boas qualidades morais, elas impelem o soldado a bem cumprir seus deveres para com a sua pátria, com o mais elevado grau de obediência e respeito à hierarquia e disciplina, vigas mestras de toda a instituição militar. Elas desenvolvem o espírito militar do soldado, ao ponto dele encontrar forças em seu íntimo, para dar a sua vida, se preciso, em defesa, no caso em tela, do Brasil. As virtudes militares são predicados morais indispensáveis ao eficiente exercício da profissão soldado. Vale a pena recordá-las e defini-las sinteticamente, no torvelinho da hora presente, em que valores consumistas e amorais estranhos às tradições do Brasil, propagados intensamente pela mídia, tendem a amortecê-las e confundi-las e mesmo sufocá-las nos peito de muitos soldados brasileiros, confusos com o mundo a sua volta:

- **Coragem:** É a virtude que faz com que o soldado despreze o perigo, face a imposição de bem cumprir o dever militar custe o que custar!

- **Bravura:** É a virtude que caracteriza o soldado valente, intrépido, impetuoso, arrojado e que se destingue da coragem por ser fruto de temperamento pessoal.

- **Camaradagem:** É a virtude que caracteriza o elevado sentimento de fraternidade e de afeição que cada soldado deve cultivar em relação aos demais soldados.

- **Solidariedade:** É a virtude que impele os soldados a se auxiliarem mutuamente.

- **Abnegação:** É a virtude que sustenta o soldado no cumprimento do dever militar, a despeito das adversidades, sacrifícios e privações a que for submetido.

- **Honra Militar:** É a virtude que leva o soldado a cumprir conscientemente o dever que for imposto. É a religião da disciplina consciente.

- **Iniciativa:** É a virtude que impele o soldado, numa emergência a agir com consciência e reflexão, para dar com a maior presteza e, sobretudo com oportunidade a solução adequada exigida para o caso. Ela é importante em campanha!

- **Devotamento:** É a virtude que impele o soldado a fazer sacrifícios e a padecer privações em benefício da segurança de sua pátria e de seus compatriotas.

- **Moralidade:** É a virtude que impõe ao soldado, não só o cumprimento das leis e regulamentos e normas como ir além, cumprindo os ditames da moral social.

- **Amor a ordem:** É a virtude que impõe ao soldado apresentar-se bem em todas as atividades profissionais e sociais. É, por exemplo, bem fardar-se.

- **Pontualidade:** É a virtude que impõe ao soldado o cumprimento fiel a tempo e a hora das ordens recebidas e das obrigações decorrentes.

- **Presteza:** É a virtude que impõe ao soldado consciente que ele cumpra no menor espaço de tempo e na melhor forma possível as ordens recebidas.

- **Decoro militar:** É a virtude que impõe ao soldado boa conduta e educação civil e militar.

Estudiosos do assunto mencionam, como a insistência do ensino com base em exemplos reais de militares brasileiros e a cobrança destas virtudes em todos os níveis, numa instituição militar, bem como, a sistemática emulação e destaque aos soldados que as praticam, resultam numa grande eficiência operacional de uma tropa militar

considerada. Outros consideram as virtudes militares como a base da infraestrutura educacional do soldado, sobre a qual deve se assentar, como superestrutura o seu processo de adestramento.

**Ciência e tecnologia:** Qual estágio científico e tecnológico atingido pelo Exército num momento histórico considerado? E quais os seus reflexos na sua organização, equipamento, instrução e emprego? Esta parte pertence ao que chamaríamos ciência da guerra do Exército e que contribuirá para a edificação do seu futuro. Pois nesta matéria devemos estar de olho no presente da ciência da guerra mundial, para inclusive visualizarmos sua tendência futura.

**Mobilização:** Qual foi a capacidade do Exército num momento considerando, de planejar e beneficiar-se de recursos humanos e materiais, que lhe assegurassem a máxima possibilidade de durar numa ação? O estudo crítico deste fator encerra grandes ensinamentos para a edificação do Exército do futuro.

**Serviço Militar:** Quais eram as formas do Exército, num momento histórico considerado, de utilizar recursos humanos e formar reservas para o caso de guerra? Este fator estudado com espírito crítico é fonte de grandes ensinamentos históricos.

### História Militar

"O estudo da História, particularmente da História Militar de uma nação, conduz a conclusões e levanta fatores capazes de influir na Expressão Militar de seu Poder Nacional.

Campanhas militares, caminhos normais de penetração, erros e acertos, tradições e cultos a líderes e heróis, trazem reflexos na formulação da doutrina, no moral e na estrutura militar, respeitada, é claro, a evolução no tempo.

Figuram, ainda as tradições históricas e militares como fatores de influência sobre o Poder Militar. Essas tradições, que cumpre cultivar e manter, não devem, por outro lado, apresentar obstáculos intransponíveis à evolução, ao desenvolvimento e à tecnologia" (8).

A frase expressa no conceito acima "**respeitada**, é claro, a **evolução do tempo**", merece a seguinte reflexão:

Podemos falar em evolução da Arte e da Ciência da Guerra do Exército Brasileiro. Entendo a primeira como soluções táticas, estratégicas e logísticas usadas pelo Exército para ajudar, com destaque, a solucionar problemas específicos. E mais, contribuir para um Brasil de dimensões continentais, não por obra do milagre, mas com o concurso expressivo da Expressão Militar. E o que for extraído desta análise pelo espírito militar criador de chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército, será o alicerce de sua edificação futura.

A confusão da História do Exército Brasileiro com a História da Ciência da Guerra, particularmente do equipamento do Exército, tem levado muitos a subestimar sua capacidade de edificar o Exército do futuro. E assim, a tem desprestigiado **como cultura inútil**, só válida para fortalecer a coesão do Exército, através do culto dos heróis e das tradições, militares. É posição que causa grandes prejuízos ao Exército. Convém seja revista pelos que assim pensam.

### Fundamentação da Arte e Ciência Militar

A parte a seguir refere-se a fundamentos diretamente ligados à Arte e à Ciência Militar. Eles possibilitam a pesquisa e o estudo crítico de operações e ações militares do ponto de vista profissional militar, com fins didáticos, ou para o desenvolvimento da

doutrina militar de uma força considerada. Sempre com apoio na experiência colhida pela História Militar Geral e na experiência própria, no maior laboratório da Arte e Ciência Militar- o Campo de Batalha.

### **Conceitos de Arte e Ciência Militar**

**Ciência Militar:** Conjunto de conhecimentos militares acumulados pela História Militar da Humanidade, coordenados com vistas ao preparo das forças armadas para a guerra. Está a serviço da política interna e externa de um Estado considerado.

**Arte Militar:** Poderíamos conceituar como a perícia, inspiração, originalidade, habilidade e a astúcia de um chefe militar, em bem coordenar os conhecimentos e meios fornecidos pela Ciência Militar e os empregar com apoio nos fundamentos da própria Arte Militar. Tudo, com vistas a conquista de objetivos militares, em acordo com a política de guerra de seu país.

É possível muitos serem cientistas da guerra. Isto é, serem capazes de bem organizar, equipar, instruir e desenvolver as forças morais de um Exército. É privilégio de poucos cientistas militares atingirem o estágio de **artistas da guerra**, ou o de bem realizarem a conduta superior de guerra, ou a "**Arte do praticável na guerra**".

Entre muitos grandes capitães neste caso, registrem-se: Alexandre, o Grande; Anibal; Cesar; Carlos Magno; Gengis Kan; Gustavo Adolfo; Frederico II; Turenne; Napoleão; Patton; o nosso, Duque de Caxias; etc. Todos ainda hoje estudados na Academia Militar das Agulhas Negras, no assunto **Evolução da Arte da Guerra**, incluídos entre os chefes da História que não copiaram e exercitaram o Pensamento Militar Criador.

**Estratégia e Tática Militar:** A Estratégia é Arte Militar, no tocante a planejar e bem conduzir forças (homens e equipamentos) na Batalha.

- A estratégia responde diretamente à política de guerra de uma nação. Caracteriza-a o planejamento e emprego de grandes massas militares. No caso das forças terrestres, em princípio, do escalão Exército para cima, atuando em grandes espaços. Tudo com finalidades operacionais decisivas no desenvolvimento de guerras. E mais, executando ações sobre direções estratégicas, incidindo sobre objetivos estratégicos fixados pela política de guerra.

**Tática** corresponde em menor amplitude à mesma idéia de estratégia. Ela se subordina diretamente aos interesses da Estratégia. Caracterizam-na ações de menor amplitude, executadas por forças, em princípio inferiores ao escalão Exército. Isto, para a conquista de objetivos intermediários necessários à conquista dos objetivos estratégicos.

Como exemplo, poderíamos dizer: No Brasil, em princípio, os exércitos realizam ações estratégicas. Os demais escalões, em princípio, ações táticas. Mas não existe rigor nisso. Cada caso é um caso. Possuindo o mesmo conceito as palavras estratégia e tática, torna-se difícil distingui-las, nos limites em que se aproximam.

A caracterização de cada uma, necessita um certo estudo da situação militar para a definir.. Moltke, o Velho assim as definiu:

**"A estratégia ensina quando e onde se deve combater e a tática nos ensina como se deve combater".**

Preferimos hoje o conceito definido por Beaufre:

**"Estratégia é a arte de aplicar a força de modo a contribuir, o mais eficiente, na consecução dos fins estabelecidos pela política" (10).**

E como Moltke muitos tentaram estabelecer diferenças entre a tática e a estratégia, numa simples frase. Mas elas continuaram a desafiar os pensadores militares..

Para quem quiser desenvolver-se no assunto relacionado com estratégia, tratado por pensadores brasileiros, recomendo a leitura das seguintes obras:

- ALVARES, Obino. **Estudos de Estratégia** - Rio de Janeiro; BIBLIEx,1973.
- LAVANERE - WANDERLEY Nelson Freire. **Estratégia Militar e Desarmamento** – Rio de Janeiro, BIBLIEx, 1971.
- ECEME - **O Marechal Castelo Branco e o seu Pensamento militar.**
- COUTO e SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil** - Rio de Janeiro; BIBLIEX Liv. José Olympio, 1967.
- MATTOS, Carlos Meira. **A Geopolítica e as Projeções do Poder.** Rio de Janeiro BIBLIEx, 1976.
- RODRIGUES, Lysias. **Geopolítica do Brasil** - Rio de Janeiro; BIBLIEx, ?
- ECEME - **As Forças Armadas Brasileiras - O Exército**, 1969 (Rio). Trabalho em equipe realizado pelos coronéis Osny Vascolos, Otávio Pereira da Costa e tenentes-coronéis Alkin Machado Bona e Dalnio Starling.

Sempre procuramos neste trabalho evidenciar e valorizar o pensador militar brasileiro. Golbery do Couto e Silva, ao prefaciar o livro **A Manobra na Guerra**, de Amerino Raposo Filho, e que abordaremos em local próprio, preconiza a seguinte tipologia da estratégia:

- **Estratégia do forte contra o fraco;**
- **Estratégia do fraco contra o forte; e**
- **Estratégia entre equipotentes.**

**Logística:** É a parte da Arte e da Ciência Militar encarregada de **"prever para prover"**. **Prever**, ou seja, planejar, organizar, dirigir controlar e coordenar a aquisição de suprimentos necessários às operações militares. **Prover**, é fornecer no local e tempo previstos os suprimentos, em quantidade e qualidade suficientes (alimentos, fardamento, munição, combustíveis, água, etc), mais, prestação de serviços diversos, essenciais à vida de uma força em campanha. Este aspecto da História do Exército propicia inúmeros casos para o exercício da crítica como a definiu Jonini. Pelo seu descuido, pagamos alto preço em Canudos. Providências, para sanar suas deficiências naquela campanha pelo Ministro da Guerra Marechal Carlos Machado Bitencourt, o consagrariam, em 1940, como Patrono do Serviço de Intendência do Exército (11).

É um setor importante da Arte e Ciência da Guerra, e por vez subestimado e descuidado na paz. Sem uma Logística eficiente, a Tática e a Estratégia não se realizam.

A ECEME, preocupada com o problema, ensaiou por volta de 1966-69 o SAEB, ou **Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro.**

Sistema feito da análise da experiência histórica do Exército adaptado às nossas realidades operacionais e econômicas. Talvez, no campo da Logística, a análise crítica da História do Exército é a que tenha mais contribuído para adaptar sua doutrina à realidade brasileira:

Realidade muito distante da americana, que vinha sendo ensinada no Brasil, com apoio em manuais específicos. A lição da História do Exército aconselha:

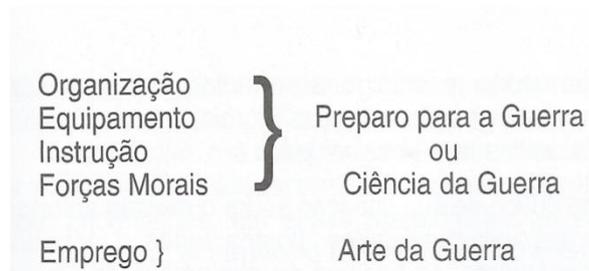
**"Não descuide ou subestime a Logística".**

Para colher-se ensinamentos de Logística e de sua realidade nossa última experiência na FEB, aconselhamos a leitura e meditação do trabalho: CAMPOS, Senna

A.J. Gen - **Com a FEB na Itália** – Rio de Janeiro: S Ge Ex, 1970. Testemunho sincero de autoridade militar brasileira que teve a seu cargo na Itália a chefia da 4ª- Seção - Logística do EM da FEB. Trabalho histórico-militar crítico, com ensinamentos obtidos no maior laboratório da Doutrina Militar - o Campo de Batalha.

### Fundamentos da Arte de Guerra

1 - **Doutrina Militar:** São os princípios pelos quais uma força militar é organizada, equipada, instruída, empregada e desenvolvidas suas forças morais da guerra. Uma Doutrina Militar se desenvolve em cinco campos:



O que acabamos de expor é um entendimento pessoal, e prático da definição de Doutrina Militar expressa no C 20-320

***"Conceitos básicos, princípios gerais, processos e normas de comportamento que sistematizam e coordenam as atividades de uma força armada".***

Os campos da doutrina militar são valiosos instrumentos para o chefe, o pensador, o planejador - encarregados do seu desenvolvimento e para o Historiador, tendo em vista a pesquisa e estudo crítico de uma força considerada. Tudo buscando caracterizar o desenvolvimento histórico atingido em certo momento.

Por exemplo, o advento das armas nucleares determinou profundas modificações nos campos da Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais. E, em consequência, no planejamento do emprego de uma força.

A introdução do canhão, da metralhadora, dos carros de combate, do avião, dos gases e de propaganda psicológica provocaram modificações profundas na Doutrina Militar. De igual forma o cartucho, o estribo na cavalaria, a baioneta, etc.

A idéia de Doutrina Militar é de real valia no estudo crítico de evolução da Arte e Ciência da Guerra, nos diversos estágios da Civilização.

2 - **Fatores da decisão:** São fundamentos críticos valiosos para a pesquisa e estudo de História Militar. Isto, para a pesquisa dos ensinamentos colhidos na decisão de um comandante de um escalão considerado. Eles são: **Missão, Terreno, Inimigo e Meios.**

Foram percebidos e tratados por Sun Tzu em sua obra sobre **Arte da Guerra**, há dois e meio milênios. Qualquer decisão militar é fruto de uma análise lógica desses fatores, no clássico **Estudo de Situação**. Processo lógico de raciocínio, deriva do Discurso do Método de Descartes, aplicado à resolução de um problema de Arte e Ciência Militar(13).

**Missão:** Quem a recebe formula a clássica pergunta "**De que se trata?**" A seguir, procura saber as ações, que foram impostas e deduzir as não expressas. Depois passa

ao estudo de outros fatores condicionantes de sua missão, à luz de informações militares suficientes.

**Terreno:** Tendo como farol a missão recebida, estuda o terreno onde irá atuar. Isto, quanto a seus aspectos topotáticos: **Observação e Campos de Tiro, Cobertas e Abrigos, Obstáculos, Vias de Acesso e Acidentes Capitais.** E mais, as **Condições Meteorológicas.**

**Inimigo:** Procura estudar o inimigo a enfrentar, em seus aspectos **Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais.** Depois conclui sobre suas **deficiências, vulnerabilidade e possibilidades.**

**Meios:** É o estudo crítico de sua situação sobre o mesmo enfoque, para concluir suas deficiências, vulnerabilidades, pontos fortes e possibilidades reais. Sua decisão, teoricamente, se baseará na exploração de seus **pontos fortes** contra **as vulnerabilidades do inimigo.** E mais, na adoção de medidas de segurança para negar ao inimigo a exploração de suas **deficiências e vulnerabilidades,** ou **contra informação.** No **Estudo de Situação,** função do escalão, cada fator se desdobra em diversos elementos. Eles serão considerados na pesquisa e estudo crítico de uma ação militar passada.

A decisão, resultante de um **Estudo de Situação,** contém em seu bojo a aplicação dos **princípios de guerra** e a **manobra a adotar** (Objetivo, Forma. Direção e Repartição de Meios) (14).

Do Estudo de Situação, ministrado na ECEME, o chefe, o planejador e o historiador militar poderão retirar os fundamentos e elementos para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar passada ou de uma manobra realizada como exercício.

**3 - Fator Militar:** É um conjunto resultante do somatório de diversas parcelas. Seu desempenho positivo ou negativo é função da qualidade ou influência das múltiplas parcelas que caracterizam: **Chefe, Estado-Maior, Tropa, Equipamento, Terreno, Condições Meteorológicas, Imponderáveis da Guerra, Incerteza da Situação, Confusão no Combate, Aplicação dos Fundamentos da Arte da Guerra, Grau de Operacionalidade, Moral, Pensamento Militar Criador, Tecnologia, etc.**

O Fator Militar é composto de duas ordens de forças. **As materiais e as morais.** As últimas assumem relevância nos exércitos pobres. Os estudiosos de Arte e Ciência Militar têm enfatizado este aspecto. Napoleão as cotava em 3x1, em relação às forças materiais. Os pensadores militares brasileiros J. B. Magalhães e Castelo Branco, davam especial relevo de forças morais de uma tropa (15).

**a. Chefe** Ele é o catalisador de todos os elementos do fator militar. É o responsável pela combinação harmônica de todos eles no combate. Se assemelha ao regente de uma grande orquestra. O chefe caracteriza-se por seu **caráter, capacidade, experiência profissional e características de sua liderança.**

A História Militar dedica especial atenção ao estudo dos grandes chefes militares, através dos estudos biográficos e autobiográficos.

Em Campanha, é uma preocupação das informações militares, conhecer as características do chefe que está do outro lado (16).

**b. Estado-Maior:** Após Napoleão este elemento passou a ter uma grande relevância. A derrota daquele grande Capitão é atribuída à falta de um Estado-Maior, para auxiliá-lo na conduta da guerra. Na Prússia do século XIX, ficou patenteada a relevância de um Estado-Maior. Com perseverança e continuidade de permanência na função e na ação, o Estado-Maior conseguiu transformar o inexpressivo Exército Prussiano na mais eficiente máquina de guerra do século.

A satisfação e a complexidade crescentes da guerra obrigaram os chefes a recorrerem a assessores em pessoal, material, instrução e emprego de tropa, informações, em ações psicológicas, governo civil e em História Militar e Geografia. No Brasil, o Estado-Maior do Exército foi criado em 1899 p7). Logo após foi iniciada a formação de oficiais de Estado-Maior, destinados a assessorar os chefes nos mais altos escalões do Exército, como instituição e força operacional. E os frutos obtidos são indiscutíveis.

**c. Tropa:** Define-se pela quantidade e qualidade. Nesta última entre outros elementos considera-se o seu grau de adestramento, padrões sanitários, características que refletem o caráter nacional do povo a que pertence e forças morais (convicção de por que lutar ou na justiça da causa).

Para estimar-se a qualidade de uma tropa, dispõe o estudioso ou o pesquisador de vários elementos de crítica.

**d. Equipamento:** São os recursos quantitativos e qualitativos postos em jogo no combate: material bélico, suprimentos e materiais de toda ordem, não enquadrados nas duas categorias citadas.

O material de comunicações assume especial relevo. Ele infraestrutura a arma do chefe, as Comunicações. Sem elas suficientes e eficientes, chefe não poderá bem reger a orquestra posta a sua disposição. Fica mudo e impotente. Deficiências neste setor, ensejam interessantes exercícios de crítica, para o chefe, o pensador, o planejador e historiador militar.

No desembarque na Normandia, um comandante americano ficou isolado do restante de seus elementos subordinados.

Um tenente conseguiu descobrir um **"hand talk"**. Mas para que pudesse ser usado, dependia de um ferro de soldar que não foi encontrado disponível, no meio de todo o material desembarcado na praia. Isto é o que contou o general Omar Bradley, em **História de um Soldado** (18).

A experiência histórica tem demonstrado, em guerras recentes, que exércitos dispostos de bom equipamento não foram capazes de tirar rendimento do mesmo, por deficiências culturais da tropa.

**e. Terreno:** O grau de dificuldade que o terreno apresenta a uma operação, repercute sensivelmente no Fator Militar. Seus elementos topo tácticos servem para a pesquisa e estudo crítico de uma operação militar.

**f. Condições Meteorológicas:** As condições meteorológicas, chuva, neve, vento, nevoeiro, fase da lua, etc, repercutem no Fator Militar.

**g. Os imponderáveis da guerra:** São circunstâncias imprevisíveis num combate, influenciando decisivamente em seus resultados.

Na Rússia, antecipação de cinco semanas na entrada do inverno, contrariando o que vinha acontecendo há 20 anos, terminou por destruir o Exército de Napoleão.

Em Passo do Rosário, em 20 fevereiro de 1827, o vento soprando na direção do Exército de Barbacena e mais o capim seco pela longa estiagem, criaram condições para que o campo de batalha fosse incendiado. Em consequência, Barbacena teve de ordenar a realização da retirada, para evitar que seu Exército fosse destruído pelo fogo e asfixia.

**h. Incerteza da situação:** Normalmente um chefe não dispõe de informações suficientes para lastrear seu Estudo de Situação. As medidas de contra-informação do inimigo restringem a ação de seu setor de informações. Daí decorre o **risco calculado**.

Churchill já afirmava: **"não se pode conduzir uma guerra na base da certeza"**.

O chefe, nestas ocasiões, procura apoiar-se nos princípios de guerra da Segurança e de Economia de Forças, para precaver-se contra a incerteza.

**i. Confusão no combate:** Alguém já definiu: "**Combate e confusão**". E o chefe e a tropa têm de estar preparados e com a cabeça fria, para exercitarem o espírito de iniciativa, em situações confusas de combate.

**j. Observância dos mandamentos da guerra de seus princípios e da doutrina de manobra:** Estes elementos fundamentam as decisões no campo da Arte da Guerra. Dada a sua relevância, serão estudada e desenvolvidos em separado.

**l. Grau de operacionalidade:** Uma força poderá dispor de um bom chefe, bom Estado-Maior, boa Tropa, bom Equipamento e Moral, mas não estando habituados a atuar em conjunto, na paz, poderá apresentar um baixo rendimento na guerra. Daí a necessidade de exercícios na paz. Manobras na carta, de Estado-Maior e de quadros. E finalmente exercícios de Estado-Maior, quadros e tropa, no campo. No Brasil são caros os exercícios do último tipo. Os jogos de guerra são mais baratos e de grande rendimento.

**m. Moral:** Quanto mais elevado, maior será a qualidade do Fator Militar. É o combatente convicto da razão de por que instruir-se ou lutar. Este assunto já foi abordado em outros locais neste trabalho.

Influi no moral, o pensamento militar de uma força, decorrente do pensamento político de sua nação. Exemplo: Pensamento político português foi o de **Dilatar a Fé e o Império**. O pensamento militar decorrente foi uma conseqüência: "**Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios**".

**n. Pensamento militar criador:** Espírito que deve dominar todos os integrantes de um força. Pensar para rejeitar, modificar, inovar e progredir. Capacidade de criticar, sadiamente, idéias previamente aceitas, visando a rejeitá-las ou modificá-las. Se contrapõe à derrotista **de que nada se cria tudo se copia**.

Todos os conceitos da Doutrina Militar resultaram do pensamento militar criador. Todas as inovações na Doutrina Militar foram em determinada ocasião uma idéia revolucionária de um chefe ou pensador militar. O sucesso militar dos grandes capitães da História Militar deveu-se, em grande parte, ao pensamento militar criador. Tiveram coragem de não copiar. De discutir ideias previamente aceitas de Doutrina Militar. E a seguir, rejeitá-las, modificá-las ou criarem ideias novas responsáveis pelas vitórias de seus exércitos.

É o caso de Alexandre, Aníbal, Gustavo Adolfo, Napoleão, Clausewitz, Frederico Douhent, Mahan, Vauban e outros tantos nomes da Arte da Guerra.

Existe nos exércitos do mundo uma barreira sociológica tendente a asfixiar o pensamento militar criador de seus membros. Esta tendência deve ser combatida por chefes em todos os escalões. Segundo o Ten Cel Keneth Hatch, do Exército dos EUA (18), "**contribuem para a asfixia do pensamento militar: a tradição, a obediência submissa, o conservadorismo, o conformismo, o preconceito entre Forças Armadas e nelas de Armas, o pensamento copiado ou comprado**".

Nos EUA, segundo o autor citado, a necessidade de estímulo ao pensamento militar criador é reconhecida e adotada nas Academias do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e nos demais cursos superiores das referidas forças.

Em "West Point", o pensamento militar criador faz parte do curso de liderança militar.

**o. Tecnologia:** A qualidade do Fator Militar depende muito do grau tecnológico dos equipamentos militares. E os exércitos das grandes potências são um exemplo de como o desenvolvimento tecnológico interfere no rendimento de seus equipamentos.

**Advertência:** O pensamento militar criador não deve ser confundido com improvisação. Suas criações não podem ser aleatoriamente introduzidas numa Doutrina Militar. Devem ser encaminhadas ao Órgão competente, o Estado-Maior do Exército, para estudo e posterior incorporação no Corpo de Doutrina do Exército. A Doutrina é dinâmica, mas possui o caráter de lei para o militar que pratica a disciplina consciente. E sua modificação só poderá ser feita pelo órgão competente. Uma inovação sem satisfazer esta exigência, poderá causar mais males do que benefícios ao Exército. Segundo J. E. Magalhães *a cópia pura e simples de doutrinas de outros povos é lesiva e prejudicial à força que o copia.*

O ideal é a assimilação de doutrinas, o que implica em adaptações às realidades mais diversas da força militar considerada. Dentro deste espírito o autor citado, patrono de cadeira na Academia de História Militar Terrestre, editou:

- **Civilização, Guerra e Chefe Militar.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1959;
  - **A Compreensão da Unidade do Brasil.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1956;
  - **Evolução Militar do Brasil.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1958; e
  - **Noções Militares Fundamentais** -. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1945.
- O pensamento militar deste autor do Exército Brasileiro possui grande atualidade e utilidade para o ideal de desenvolvimento progressivo da Doutrina do Exército. Escritores contemporâneos de J. B. Magalhães o classificam e o consideram o maior pensador militar brasileiro da sua geração, ao lado do Mal Castelo Branco.

**4 - Mandamentos da Guerra:** Considero como mandamentos certos fatores, que por decisivos, não podem ser desprezados pelo chefe e pensador militar, no planejamento e na conduta tática e estratégica da guerra. Isto, por constituírem a essência filosófica da guerra:

**a. Mandamento da força** - Sem força em todos os seus aspectos, não se faz a guerra. São forças morais e materiais.

**b. Mandamento do movimento** - Guerra é movimento. Guerra estática não existe. O movimento é o deslocamento da força para o objetivo.

**c. Mandamento da ofensiva** - Guerra sem planejamento de atitudes ofensivas, em qualquer fase de sua execução, é condenação prévia à capitulação.

**d. Mandamento da segurança** - A proteção pura e simples não é garantia de segurança, mas sim, a ação militar flexível, protegida por medidas de segurança.

**e. Mandamento da contingência** - Entre a guerra e seu planejamento existe a contingência e o imponderável. Não se submeter a esses fatores. Procurar dominá-los ou diminuir seus efeitos. Normalmente o que é planejado não é executado, em razão da contingência e do imponderável da guerra.

Os mandamentos citados permitem a pesquisa Leis de Guerra, que fio desenvolvido pelo general Castelo Branco, em 02 de março de 1962, na aula inaugural da EsAO (20).

**5 - Princípios de Guerra:** É um conjunto de elementos que - a pesquisa e o estudo crítico intensos da História Militar da Humanidade, levados a efeito por chefes, pensadores e historiadores militares - revelaram um emprego constante. Tudo, com vistas à judiciousa aplicação dos meios postos à disposição de um comandante, nos mais diversos escalões táticos e estratégicos, empenhados na execução das guerras.

Eles são válidos para os comandantes, desde o mais alto escalão operacional, até o mais baixo. Válidos, inclusive, para o combatente isolado e para o homem comum. No último caso, para conduzir sua vida com sucesso, na conquista de seus objetivos. Eles podem ser apropriados a qualquer tipo de ação na vida civil.

Por todas essas razões, os Princípios de Guerra são estudados e analisados, através de casos históricos, na AMAN, na Cadeira de História Militar (21). Posteriormente, na EsAO e na ECEME, nos estudos de Tática, Estratégia e de História Militar. Para aprofundamento no assunto, consultar manuais específicos utilizados por essas escolas.

Não existe um consenso internacional sobre a denominação e definição dos Princípios de Guerra. Consideremos os que julgamos mais apropriados e que temos utilizado para o estudo e pesquisa crítica em História Militar.

Deles não foi consagrado pelo Estado-Maior, o **Princípio das Informações** que abordo historicamente e não em caráter oficial ou doutrinário. Em nosso Exército este princípio está compreendido no **Princípio de Guerra da Segurança**.

**a. Princípio das informações:** É a infraestrutura dos demais. Nenhum comandante pode realizar seu Estudo de Situação e chegar a uma decisão judiciosa, sem dispor de informações suficientes e o mais aproximadas possível, sobre o **Terreno, Inimigo, Meios e Forças Morais**, de sua tropa e da inimiga. Sem informações ele encontrará dificuldade em decidir qual o objetivo, em informações, equivalera a realizar possibilidades de ocorrências de contingências e imponderáveis da guerra.

Este assunto é abordado pela revista Coletânea da EsNI, Nº 12/77. Ao final da abordagem de todos os princípios, voltaremos ao das Informações que, em razão da complexidade crescente da guerra, vem proclamando sua dependência do princípio da Segurança.

**b. Princípio do objetivo:** O que atacar e onde atacar, destruir, conquistar, defender, manter, retardar, etc. Após o das **Informações**, considero o mais importante. O princípio do objetivo encerra a ideia de convergência e persistência de esforços para conquistá-lo. Ele é a razão de toda operação. Mal aplicado este princípio, comprometerá a aplicação dos demais.

A política fixa o objetivo estratégico a ser conquistado. Com apoio nele, partir do mais alto escalão operacional encarregado de conquistá-lo, todos os escalões subordinados receberão ou deduzirão os objetivos correspondentes intermediários, para chegar ao objetivo final.

**c. Princípio da massa:** Ser forte, material e moralmente, no ponto decisivo.

O ponto decisivo, não é o ponto mais fraco do inimigo nem onde ele é mais forte - é o centro de gravidade de seu sistema ofensivo ou defensivo. É a sua parte mais comprometida. É o calcanhar de Aquiles. A judiciosa aplicação deste princípio tem proporcionado vitórias a forças numericamente inferiores, porém, melhor comandadas. Na prática, hoje, ele se traduz pelo **Ataque Principal** ou "**Esforço Defensivo**". Massa, no caso, significa maior dosagem de armas base e de apoios, numa direção de ataque ou direção mais provável do ataque principal ou esforço inimigo. Na direção do esforço defensivo, através de obstáculos de toda a ordem. A Engenharia aumenta o poder defensivo da tropa encarregada de realizá-lo, através do **Sistema de Barreiras**.

**d. Princípio da ofensiva:** Refere-se à atitude ofensiva e não a manobra ofensiva. É própria das manobras ofensiva e defensiva, a atitude ofensiva. Daí poder-se afirmar: **só a atitude ofensiva conduz à vitória**. Numa manobra defensiva, através de potentes e bem

executados contra-ataques, pode se abrir a porta para a manobra ofensiva. A manobra defensiva é uma imposição temporária por circunstâncias adversas. Manobra defensiva, sem atitudes ofensivas (Ex: contra-ataques) é derrota, ou condenação prévia a derrota.

Mesmo o fraco contra o muito forte mantém a atitude ofensiva - a guerra de guerrilhas, que um dia poderá conduzi-lo à manobra ofensiva e à vitória final. Ofensiva é ofender, agredir, causar danos e prejuízos ao adversário em qualquer circunstância. Inclui emboscar, uma tradição militar brasileira colonial.

E a História do Exército Brasileiro nos fornece dois clássicos exemplos. O primeiro, nas guerras Holandesas e o segundo, na guerra 1763-1777, no Rio Grande do Sul, onde o recurso à guerra de guerrilhas, do fraco contra o forte, conduziu a vitória final. Foram a **Guerra Brasília** no NE e a **Guerra a Gaúcha** no Sul.

Para informações sobre o papel das guerrilhas nas guerras Holandesas e na guerra do Sul 1763-1777, leia-se do autor **A Batalha dos Guararapes e A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul** (22). Ofensiva é conquistar e manter a iniciativa das ações e impor a vontade ao adversário.

**e.Princípio da economia de forças:** Empregue o mínimo necessário para ações secundárias: ataques secundários, vigilância, fintas, dissimulação, etc. Para Castelo Branco, em 1946, na ECEME, "**o Princípio da Economia de forças** poderia resumir os demais princípios de guerra". Para ser forte no ponto mais comprometedor do inimigo, é impositivo a economia de meios nas ações complementares à principal.

A aplicação deste princípio e seu domínio, marca a vocação do **artista da guerra**. Razão de Castelo Branco afirmar ser ele a síntese dos demais.

**f.Princípio da manobra:** Manobra é movimento. É o deslocamento da massa para o ponto mais comprometedor do dispositivo inimigo - o objetivo - "**ou o calcanhar de Aquiles**". Tudo, para colocá-lo em posição desvantajosa.

O princípio da manobra foi assim caracterizado por Napoleão, juntamente com os da massa, ofensiva e objetivo".

**"Quando inferior em forças, frente a um grande Exército, concentrava minhas forças (MASSA) e caía como um raio (MANOBRA e OFENSIVA) sobre uma das alas do inimigo e o destruía (OBJETIVO). E o atacava (OFENSIVA) em outros pontos (MANOBRA), sempre com todas as minhas forças (MASSA)".**

É da essência do princípio da manobra a **rapidez e a massa**.

O princípio aplica-se a todos os tipos de operações, ofensivas ou defensivas, sempre que uma força deva ser deslocada de um ponto para outro.

Alguns denominam este princípio de **Movimento** ou o decompõe em: **Mobilidade, Rapidez, Liberdade de Ação e Flexibilidade**.

Caxias - o Patrono do Exército Brasileiro - consagrou-se na História Militar Mundial pela judiciosa aplicação do princípio da manobra, na marcha sobre o Chaco, para flanquear Piquiciri - e decidir estrategicamente a guerra, na Dezembroada. E mais, na marcha de flanco sobre Humaitá, fazendo-a cair pela manobra.

O então major Humberto de Alencar Castelo Branco realizou, em 1939, na ECEME, duas conferências sobre as manobras de Humaitá e Piquiciri, tendo como enfoque crítico os princípios de guerra, particularmente o da manobra (23).

**g.Princípio da surpresa:** É atingir o inimigo onde e quando ele não esteja preparado para reagir. Se obtida pelo fraco, pode implicar na derrota do forte. A surpresa militar é tática ou estratégica e se obtida:

- Neutraliza a segurança do inimigo; e
- Anula sua capacidade física e psicológica de reação.

**Surpresa técnica** liga-se à idéia do emprego pela primeira vez de um novo meio ou instrumento de guerra (canhão, gases, carro de combate e até o cavalo, etc).

**Surpresa** é segredo, audácia, rapidez, iniciativa de execução, agressividade e originalidade, capazes de provocar no inimigo confusão, desmoralização, pânico e impossibilidade de reação em tempo útil. Na primeira Batalha dos Guararapes, o princípio de guerra da surpresa concorreu decisivamente para a vitória. De igual forma, na marcha de flanco de Piquiciri, realizada por Caxias, através da Estrada do Chaco. Para a conquista do Forte São Martinho, em 1775, próximo a Santa Maria-RS, a surpresa foi decisiva.

Foi aberta um picada pelo mato que levou o major Rafael Pinto Bandeira, durante a noite, diretamente à retaguarda do forte.

A reconquista da Vila do Rio Grande, em 1776, deveu-se à correta aplicação do princípio da surpresa, pelo general Henrique Böhn - comandante do Exército do Sul (24). Na reconquista de Corumbá, no final da guerra do Paraguai, ficou evidenciada a aplicação do princípio da surpresa. Os brasileiros a atacaram na hora em que o adversário seesteava.

A História do Exército Brasileiro é rica em casos históricos de aplicação da surpresa. Casos que estão aguardando a exploração crítica pelos estudiosos brasileiros, militares em geral e historiadores. O soldado português foi mestre da surpresa, como decorrência do pequeno potencial humano de seu país. E o próprio pensamento militar que os norteava "**a ofensiva, mesmo em inferioridade de meios**", implicava na procura da máxima exploração do princípio da surpresa.

As raízes branca e índia do brasileiro cultivavam este princípio.

**h. Princípio da segurança:** Ele decorre da judiciosa aplicação do princípio das informações, antes e durante o combate. E mais. do princípio da economia de meios na judiciosa organização do dispositivo. Nesta organização, as forças e a reserva traduzem um dos mais importantes aspectos do princípio da segurança. O princípio de segurança é o que se contrapõe ao princípio da surpresa, tentada aplicar pelo inimigo.

Poderíamos caracterizá-lo hoje: pela busca de informações sobre o inimigo, antes e durante a ação, existência de uma reserva compatível na mão do comandante, PAG, PAC, vigilância, apoio dos flancos em obstáculos, medidas de contra-informação, e sistema de comunicações eficiente para o rápido fluxo de informes e informações sobre o inimigo e das ordens consequentes, dos comandantes, para exercitarem o princípio da unidade de comando.

Princípio da segurança é proteger, por diversos meios, à disposição de um comandante, a força encarregada de realizar a ação principal. Segurança é principalmente informações e contra-informações, reserva e dispositivo flexível. Eles previnem a surpresa e protegem a força encarregada da ação decisiva. E caso ocorra a surpresa, asseguram condições para o comandante neutralizar ou minimizar seus efeitos, através do emprego da reserva.

Caxias, na marcha de flanco de Humaitá, aplicou o princípio da segurança.

No ataque a Curupaiti, num reconhecimento a viva força para obter-se informações sobre o inimigo, morreram mais de 4.000 brasileiros. Caxias que foi chamado ao Teatro de Guerra, em decorrência deste desastre, obteve as informações que necessitava sobre Humaitá, pelo uso de dois balões cativos que mandou vir dos EUA. O resultado foi a montagem de uma operação sobre Humaitá. Esta terminou de cair através de segura e decisiva manobra que planejou e executou, sem o sacrifício inútil de vidas de soldados brasileiros e aliados. O princípio da segurança não foi observado por Moreira César, na expedição que comandou sobre Canudos. Isto ao subestimar o adversário e não se preocupar em colher informações sobre ele. O resultado foi mais um desastre militar, com a perda inútil de vidas de soldados brasileiros.

**i. Princípio de simplicidade:** Planos simples e ordens claras, precisas, inteligíveis e de fácil execução, caracterizam o princípio da simplicidade. **"Na guerra só dá resultado o que é simples"**, insistiam os militares de Missão Francesa no nosso Exército. **"A Arte da Guerra é simples e é toda execução"**, dizia Napoleão. E Caxias, segundo o Marechal Castelo Branco foi fiel a esta máxima.

A pesquisa e o estudo crítico da História Militar têm demonstrado que a vitória é decorrência de manobras simples e que a derrota é fruto de manobras complexas e confusas.

Simplicidade é a marcha de flanco sobre Piquiciri concebida por Caxias. Fixação da posição de Piquiciri e seu envolvimento, através de força enviada pela estrada do Chaco.

**j. Princípio da unidade de comando:** Basicamente se resume em qualidade de chefia e condições estruturais da organização para que ela seja exercida em sua plenitude. Esta figura traduz a essência do princípio. Um comanda e todos obedecem o que se contrapõe à figura oposta: todos mandam e ninguém obedece.

É o chefe quem aciona diretamente o subordinado e este recebendo ordens de seu chefe direto. Unidade de comando significa hoje:

- **Cadeia de comando bem definida e nítida divisão de responsabilidade;**
- **Boa qualidade das comunicações que infra-estruturam a Arma do Chefe;**
- **Doutrina Militar, bem entendida, aceita e praticada por todos;**
- **Chefe competente que desperte confiança e obtenha do subordinado obediência consciente, continuada e entusiástica no combate.**

O desastre de Curupaiti, na guerra do Paraguai, é o mais eloqüente exemplo na História Militar do Brasil, de inobservância do princípio da unidade de comando e de funestas consequências. Sua origem reside em 1º de março de 1865, na estruturação do Comando Aliado pelo Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

A análise do desastre aliado em Curupaiti, é o exemplo mais eloqüente em nossa História Militar para um estudo crítico do princípio de unidade de comando. Seus ensinamentos possuem grande atualidade e devem estar sempre presentes na mente dos comandantes brasileiros, do presente e do futuro. O então coronel Humberto Castelo Branco, em 1962, produziu excelente e permanente estudo crítico sobre o assunto, ao analisar o Comando Aliado na guerra do Paraguai (25).

O princípio da segurança, em seus aspectos de informações e contrainformação tem assumido especial relevo nos últimos conflitos. Para bem atendê-lo naqueles aspectos, o comandante nos mais diversos escalões, em campanha, deveria considerar os princípios gerais abaixo, úteis para a pesquisa e estudo crítico da observância do princípio da segurança:

**Princípios de Williams** para prevenir a surpresa - Assim os denominei (26) após algumas adaptações e complementações. Foram enunciados por um general dos EUA, contemporâneo e com larga experiência de combate. Observados pelos comandantes, ajudam a prevenir ou minimizar a surpresa militar:

**1. Defina com objetividade, precisão e clareza as informações de que necessita. Insista em obtê-las, oportunas, imparciais, seguras, com amplitude necessária, claras, simples, precisas e controladas quanto à difusão, indicada no caso. Não desgaste seus analistas na dupla tarefa de desvendar as suas intenções e a do inimigo;**

**2. Insista em receber estimativas baseadas em fatos. Verifique a coerência das mesmas. Ouça as opiniões divergentes ou conflitantes, mas abalizadas;**

**3. Não corte a iniciativa dos analistas à sua disposição e oriente-os na direção conveniente;**

**4. Não conte, exclusivamente com as informações de seus analistas. Utilize fontes múltiplas, pois é raro o consenso entre analistas de informações. Encoraje mais do que desestimule, uma competição saudável entre as fontes múltiplas e mantenha as portas abertas para elas;**

**5. Se for surpreendido assuma a responsabilidade.**

***O chefe é responsável por tudo que aconteça ou deixe de acontecer.*** É provável que não tenha tido tempo para ocupar-se das informações disponíveis ou de acreditar nas que lhe foram fornecidas;

**6. Resista a ser influenciado por um clima de opinião generalizada. Examine e considere todos os elementos disponíveis que contrariam a opinião generalizada (27);**

**7. Convença-se e se esforce para crer que seu oponente é tão esperto quanto você. Portanto, não o subestime sem conhecê-lo o suficiente;**

**8. Reconhecendo que seu oponente é tão esperto ou mais do que você, admita que ele possui sempre um plano para conquistar seus objetivos. Portanto, empenhe-se, e a seus analistas, em descobri-lo.**

**9. Não se deixe influenciar pelos exercícios didáticos de aula e campo em que o inimigo é um obstáculo temporário entre você e o seu objetivo. Não confunda inimigo figurado, com o real;**

**10. Determine as possibilidades do inimigo, Depois, aplique-se na determinação de suas intenções reais, Lembre-se: a correta determinação das possibilidades do inimigo não exclui a ocorrência de surpresa. Para descobrir real intenção do inimigo recorra à espionagem, interceptação de mensagens a PG, a desertores, a documentos capturados, ao conhecimento do caráter do líder oponente, etc. Não esqueça de elaborar e difundir uma lista de indícios capazes de indicar, com oportunidade, que determinada possibilidade inimiga está se caracterizando;**

**11. Exija e se assegure de que os informes sobre o inimigo fluam livremente através dos canais de informações do serviço à sua disposição;**

**12. Espere de seu oponente tentativas de surpreendê-lo na pior hora, local ou circunstâncias para você;**

**13. Saiba que os sinais de surpresa frequentemente estão perdidos numa pilha de informes disponíveis, conflitantes ou irrelevantes. Procure resolver este problema e tirar partido do mesmo**

**14. Desenvolva alto padrão no serviço de informações à sua disposição. Escolha um chefe experimentado e qualificado para o mister, para organizá-lo. coordene-o e para ser seu elo de ligação com o sistema de informações que integra. Não permita que o serviço à sua disposição seja afogado pela burocracia excessiva;**

**15. Lembre-se: um indício de surpresa, historicamente, tem sido captado por analistas menos graduados. Por tanto, certifique-se se todos eles são capazes e**

qualificados, ou se bons em outras funções, mas não qualificados para a de analistas.

Hoje os princípios de guerra foram incorporados na doutrina dos escalões táticos na defensiva e ofensiva. Mas não quer dizer que num país de dimensões continentais como o Brasil, o chefe brasileiro de pequenos escalões não se veja na contingência de criar um dispositivo original que não figure nos manuais. Constituí excelente exercício crítico para os cadetes, capitães em aperfeiçoamento e oficiais cursando a ECEME, procurar identificar onde os princípios de guerra foram atendidos no dispositivo adotado para o combate.

### Síntese dos Princípios de guerra

- Com apoio no máximo de informações, procurar atingir o inimigo no ponto decisivo (OBJETIVO) com toda a força material e moral possível (MASSA), que não comprometa o restante do dispositivo complementar (ECONOMIA DE MEIOS). Deslocar sua força para o objetivo com o máximo de rapidez (MANOBRA) e agressividade (OFENSIVA). Proteger a força durante o deslocamento (SEGURANÇA). Deixar forças em reserva na direção do objetivo, para reforçar a ação principal ou livrá-la de uma ameaça real (SEGURANÇA). Realizar tudo sob uma direção centralizada (UNIDADE DE COMANDO). A execução será descentralizada e com apoio em planos simples e ordens claras, precisas e concisas, entendidas por todos os executantes (SIMPLICIDADE). Procurar atingir o objetivo no local e na hora em que o inimigo não o espere (SURPRESA).

### 6 - A Manobra e seus Elementos

**A História Militar e a Manobra:** Segundo o então coronel Golbery do Couto e Silva, em prefácio do livro *A Manobra na Guerra* do então major Amerino Raposo, distinto pensador militar brasileiro, *"no estudo da Arte da Guerra - setor " Terrestre - não há, por certo, capítulo mais fecundo e de interesse do que a Manobra, tal como vem sendo realizada e concebida, através dos tempos, pelos grandes capitães. Isto desde que nela se busque, sobretudo, caracterizar a sua essência imutável, distinguir os elementos fundamentais que a estruturaram e a definem, deduzir suas constantes e identificar suas variáveis, traçar, após tudo isso, com a mais ampla latitude e sob clara ordenação lógica, uma verdadeira tipologia da manobra"*(28).

E prossegue mais adiante:

*"Assim sendo, cumpre levar-se a efeito, em cada época e em cada país, à luz das características específicas do problema estratégico que desafia cada operação e orienta toda a preparação para a guerra, reinterpretação válida e altamente útil da História Militar. E daí, a reformulação da própria doutrina da manobra - será o passo imediato".*

*"E tudo isso impulsionado por um sentimento profundo, de que qualquer estudo, de Estratégia ou História Militar, deve ser sempre orientado por reocupações objetivas com o problema estratégico que nós enfrentamos, em nossa época e em nosso próprio país".*

**A Manobra na Guerra:** O então major Amerino Raposo produziu sob este título valioso, profundo e permanente estudo sobre o assunto. Infra-estruturou sua pesquisa em obras de Jomini, Rommel, Montgomery, Clausewitz, Von Chlieffen, L. Rousset, Dervien, Guillerme, Hana Speidel e valiosa documentação específica produzida pela ECEME, nos anos de 1958 e 1959. Seu trabalho fornece valiosos elementos críticos para o estudo e pesquisa da manobra e seus elementos, na História Militar e na História do Exército

Brasileiro. Desta, explora algumas das manobras realizadas por Caxias na Guerra da Tríplice Aliança (Humaitá, Piquiciri e Curupaiti).

Apoiamo-nos, inclusive, em seu trabalho, como aluno da ECEME oriundo de uma arma de apoio, e depois, ao produzirmos e publicarmos trabalho sobre as Batalhas dos Guararapes.

A seguir reproduzimos, sinteticamente, seu esquema:

Definição - Manobra é um conjunto de ações, que comporta de modo sucessivo ou simultâneo:

- Uma combinação de atitudes e direções; e
- Adequada repartição das forças, no espaço em que irão operar.

Tudo, para a configuração de um sistema harmônico e integrado, com a finalidade de conquistar um objetivo, no conjunto das forças adversárias e a despeito do inimigo.

**Elementos da manobra:** Objetivo, Formas (29), Direção e Repartição de meios.

1 - **Objetivo** - Definido na missão, ou a deduzir dela.

2 - **Formas** - Para conquistar o objetivo:

- Ofensiva;
- Defensiva; e
- Ofensiva - defensiva, ou mista.

3 - **Direções** - Utilizadas para a conquista do objetivo:

- Paralelas;
- Convergentes; e
- Divergentes.

4 - **Repartição de meios** - Como dosar judiciosamente os meios disponíveis para alcançar o objetivo, conciliando os princípios de guerra da massa e economia de meios.

**Formas de manobra ofensiva:**

1 - **Manobra Central:**

- Ruptura ou penetração; e
- Linhas interiores.

2 - **Manobra de Flanco ou Ala:**

- Desbordamento; e
- Envolvimento,

**Amplitude da manobra** - Função do esforço operacional e dos objetivos a conquistar:

- Manobra Tática: e
- Manobra Estratégica.

**Execução da manobra** - Quanto ao tempo

- Sucessivas - (Ex: envolvimento e desbordamento); e
- Simultâneas - (Ex: ruptura)

- Quanto à dependência do Comando da operação:
- Centralizada - (Ex: ruptura e desbordamento);

**Manobra Central:** - Atuação mais ou menos perpendicular à frente do inimigo a atacar, por ruptura (ou penetração) ou linhas interiores. No primeiro caso, para romper a posição inimiga e criar flancos, para, rebatendo-os, abrir a brecha necessária para a massa empregada conquistar o objetivo. No segundo caso, para colocar nossa massa no interior do dispositivo inimigo e batê-lo por partes, para impedir que suas forças de manobra ocorram todas ao mesmo tempo, no ponto ameaçado.

**Manobra de flanco ou ala:** Uma ação secundária para fixar o inimigo na posição e uma principal para atuar no flanco. Chama-se **desborda ento**, quando a ação principal é dirigida para um objetivo na **retaguarda próxima do inimigo**. Objetivo que corte a retirada do inimigo e possibilite sua destruição na posição que ocupava. Chama-se **envolvimento**, quando a ação principal é dirigida para **a conquista de um objetivo bem a retaguarda do inimigo**. A sua finalidade é obrigá-lo a abandonar suas posições, ou desviar, para fazer face à ameaça, forças importantes.

Assim sendo, um envolvimento com êxito, permite a destruição do inimigo no terreno escolhido pelo atacante. Na IIGM foi praticado o envolvimento vertical, por pára-quedistas.

Esta era a forma preferida por Napoleão. Caxias a utilizou com sucesso na Marcha de Flanco de Piquiciri. Atingiu a retaguarda profunda adversária e cortou sua linha de retirada e suprimentos. Depois o bateu na Dezembrada (Itororó, Lomas Valentinas e Avaí). Com isto ganhou a guerra no campo estratégico, por acabar com a capacidade defensiva tática do adversário, já que sua capacidade ofensiva tática fora perdida na batalha de Tuiuti, vencida pelo general Osório e a capacidade ofensiva estratégica, em Riachuelo.

O aprofundamento no assunto, com exemplos reais estrangeiros e nacionais, pode ser feito entre outras nas seguintes obras, fruto de esforços de pensadores ou historiadores do Exército Brasileiro, além de Manobra na Guerra citada:

### Bibliografia

AZEVEDO, Pedro Cordolino. **História Militar Geral e do Brasil**. Rio de Janeiro: s/ed, 1946. Antigo professor de História Militar de várias gerações da Escola Militar do Realengo e das primeiras da AMAN (30).

WIEDERSPHAN, Oscar. **Canoe e suas batalhas**. Rio de Janeiro: Noite, 1936 (31).

AMAN - **Evolução da Arte da Guerra**. Resende: Ed - Acadêmica, 1975. Consolida trabalhos realizados desde 1955, por equipes de oficiais de Estado-Maior, que tenham exercido as funções de professor e, em data mais recente, de instrutor de História Militar.

\_\_\_\_\_. Divisão de Ensino. Cadeira de História Militar. História da Doutrina Militar ( Da Antiguidade à II Guerra Mundial. Volta Redonda: 1979.

\_\_\_\_\_. Divisão de Ensino. Cadeira de História Militar. Volta Redonda **História Militar do Brasil**. 1979. 2v Texto e Mapas.

Estes dois livros foram patrocinados pelo Estado-Maior do Exército e foram usados intensamente na instrução dos Cadetes de 1979<sup>a</sup> 1999, quando foram colocados de lado. Trabalhos por nós coordenados e enriquecidos, como historiador militar consagrado, premiado em concursos literários e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

SANTOS, Francisco Ruas. As Manobras; In: **Teoria e Pesquisa em História Militar**: Resende: Ed AMAN, 1961. Estuda inclusive a Batalha de Avaí e Lomas Valentinas, p 116 e 124.

CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar. As Manobras de Santa Luzia, Piquiciri, Humaitá, etc; in: ECEME. **O Marechal Castelo Branco e seu Pensamento Militar**: Rio de Janeiro: S Ge Ex, 1966. Sob os auspícios da ECEME. In: **As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar** - Recife: UFPE, 1971 p. 97 -167 e 135 -141.

O que tem sido feito quanto à análise de ações da História do Exército Brasileiro do ponto de vista da manobra é pouco. Muito ainda é preciso ser feito.

A seguir reproduzimos um memento para os chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército que desejarem pesquisar ou estudar, criticamente, manobras em ações de guerra na História do Exército Brasileiro, à procura de subsídios didáticos, ou para o desenvolvimento da doutrina. Enfim, para a edificação do Exército do futuro. Mas antes uma advertência:

Com referência aos fundamentos da Arte da Guerra, todos os elementos constantes da Doutrina Militar, mas variáveis no tempo e no espaço pelas infinitas combinações que permitem, faz-se necessário a seguinte advertência sintetizando, complementando e atualizando Sun Tzu, Castelo Branco e Amerino Raposo:

***Sete são as notas musicais e não existem no mundo músicas iguais. Cinco são as cores fundamentais e infinitas suas combinações. Cinco os paladares fundamentais e, jamais, alguém poderá conhecer todos os fatores da Decisão Militar e não serão encontrados dois chefes com decisões iguais. Cinco são os mandamentos da guerra, menos de dez os seus princípios e quatro os elementos constante de uma manobra permitindo infinitas combinações entre si e tornando impossível encontrar-se duas ações militares iguais.***

E a respeito da Doutrina Militar, para os que consideram estática ou imutável e com caráter, de lei: Ela varia em função das infinitas combinações dos fundamentos da Arte da Guerra e mais acentuadamente, em função do progresso da Ciência e da Guerra.

Da pesquisa e do estudo crítico da História da Doutrina Militar conclui-se que a única coisa permanente é a mudança. Mudança que se acelera em nossos dias em razão da constante da doutrina militar - o homem, como chefe combatente e pensador, a buscar, sem cessar, novas doutrinas, para as experimentar, na primeira oportunidade, no maior laboratório da Arte e Ciência da Guerra - o Campo de batalha. Busca que faz parte do eterno duelo entre os meios de destruição e os de proteção. Ontem, o escudo e a armadura contra a lança e a espada, muralha contra o canhão, a couraça contra a bala, a trincheira contra a metralhadora e, assim por diante, até a proteção nuclear contra armas nucleares.

**Nota Importante:** Nas referências bibliográficas podemos concluir que já foram analisadas as seguintes ações do ponto de vista da manobra: Batalhas dos Guararapes, operações dos combates de Humaitá, Piquiciri e Curupaiti, Batalhas de Avaí, Lomas Valentinas e mais o combate de Santa Luzia. O que julgamos muito pouco, face ao alentado acervo cultural militar acumulado pelas FTB em quase cinco séculos. Anos ao longo dos quais elaboramos diversos estudos militares críticos à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar os quais disponibilizei em Livros e Plaquetas, em especial em CONFLITOS, no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br), para facilitar a sua perenidade e acessibilidade ao pesquisador e leitor interessados.

**Memento para a Pesquisa e o Estudo Crítico da Manobra**

1- **Contexto histórico** - Enquadramento histórico da batalha a analisar. Quando, onde e por que?

2- **Reconstituição da batalha** - Como ela se desenvolveu do ponto de vista da manobra.

Eles poderão orientar estudos semelhantes, de caráter didático, sobre dos os demais combates e batalhas que tiveram lugar no Brasil em quase nco séculos, desde o Descobrimento. Este é um trabalho a fazer e urgente ra: contribuir para a formação dos quadros e da tropa.

Penso que as escolas do Exército de formação, aperfeiçoamento e de tos estudos possuem as melhores condições de realizar o estudo crítico dessas batalhas e combates, com o duplo objetivo de formação profissional e desenvolvimento da história educativa do Exército, a luz da experiência eracional de quase cinco séculos das FTB.

A AMAN, ao nível de subunidade. A EsAO ao nível de unidade e a ECEME, ao nível de grande unidade. Os referidos estudos assumirão maior relevância e objetividade, se comparados com outras batalhas e combates ocorridos no mundo na mesma época. Deste modo se terá a exata medida da evolução de Arte e Ciência da Guerra do Exército Brasileiro.

#### Notas ao Capítulo 4

1- Vide espírito da Portaria N<sup>o</sup> 61-EME, de 07 Out 1977 Diretrizes para as Atividades de História no Exército (objetivos).

2- Idem documento anterior.

3--Manual Básico - ESG -1977/78 – Desenvolve o assunto com detalhes.

4- \_\_\_\_ .Idem nota anterior, p. 188-204.

5- \_\_\_\_ . p. 29-61.

6- \_\_\_\_., p. 77-78.

7- Além destes trabalhos, registrem-se muitos outros de data recente ja citados no capítulo anterior e mais:

OLINTO, Antonio. **Para onde vai o Brasil**. Rio de Janeiro, 1978.

8- Idem nota 3 p. 198.

9- AMAN - **Evolução da Arte da Guerra**. Resende: Ed AMAN,1976/ 77,p. 1.

10- ALVARES, Obino. **Estudos de Estratégia**. Diversas referências a Beaufre e outros conceitos de estratégia.

11- PILAR. **Patronos das Forças**, p. 205-233.

12- Artigo sob o título - Guerras Ganhas Atrás das Linhas de Contato.

13-- DESCARTES Renê. **O Discurso do Método**. São Paulo: Aterra, s/d  
Leitura importante para o pensador militar.

Josué Montello ao estudar a obra de Descartes na revista **Manchete**, número de Set 65 - obra prima que poucos leram - escreveu: **"O Método é um dos mais seguros instrumentos de trabalho que o homem deu aos outros homens"**.

14-BENTO, Claudio Moreira . Estudo Militar dos Fatores da Decisão Militar na Batalha do Passo do Rosário. **Defesa Nacional**, nº672, 1977, p.63-110.

15- ECEME - O Marechal Castelo Branco e seu Pensamento Militar, p. 139-161 e diversas outras referências. Ao falar na importância das forças morais diz a certa altura o marechal Castelo:

***"A guerra para o historiador é o sincronismo dos movimentos e datas. Para os chefes é um labor duro, continuado, formidável mesmo. Mas, para o soldado e o jovem oficial de fileira, é um longo convívio com a morte".***

16-\_\_\_ p163-176. O Marechal Castelo Branco nos dá um exemplo de estudo histórico de chefes do ponto de vista profissional. Isto ao estudar Caxias, Osório e Sampaio. Sobre Caxias refere ter recebido o influxo de ensinamentos das campanhas napoleônicas e os colhidos em lutas sul-americanas. E que baseava sua atuação na máxima napoleônica - ***"A guerra é uma arte toda execução"***. E que caracteriza a sua ação de comando no ***"senso do praticável"***. E sabido, hoje, que Caxias estudava à evolução da Guerra de Secessão nos EUA.

17-\_\_\_. **Cultura Militar** - p. 221,1972. Aniversário do EME e mais os seguintes estudos publicados na **"Military Review"**:

- Imperfeições nas Relações de Estado-Maior. Abril, 1963,p 3-6; e
- Um Sucesso como Chefe de EM. Agosto, 1965, p. 49.

18-BLADLEY, Osmar. **História de um Soldado**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1965. 2v.

18a - Pensamento Militar Criador. **"Military Review"**. Agosto, 1966 p. 77-86.

19- Idem nota 14 - Estuda o incêndio do campo de batalha e suas conseqüências.

20- Idem nota 16.

21- Idem nota 9.

22- BENTO, Cláudio Moreira. **As Batalhas dos Guararapes**, Recife: UFPE,1971, 2v; e A Guerra da Restauração do Rio Grande, Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1997.

23- Idem nota 15, p.. 114-135.

24- Idem nota 22 - Restauração do Rio Grande

25- Idem nota 16, p. 104-105.

26 -WILLIAMS, Robert Gen Bda EUA. Surpresa, Sinais de Perigo. **Coletânea L** - Out 76, p. 11-29 e mais: BENTO, Claudio Moreira **.A Produção de Estimadas**. Brasília: Escola Nacional de Informações.1975,Menção Honrosa - Prêmio Argus - 1977, promovido pela revista **Coletânea L** - da Escola Nacional de Informações. Barbacena em Passo do Rosário não observou este ponto.

27- Idem nota 14. Causa das dificuldades do Marquês de Barbacena, em Passo do Rosário.

28- RAPOSO FILHO. **A Manobra** na Guerra (Prefácio), Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.

29- Preferimos adotar a palavra **forma** ao invés de **atitude**. Entendemos que atitude ofensiva relaciona-se com o Princípio de Guerra da Ofensiva que deve ser aplicado em qualquer forma de manobra.

30- O general Cordolino produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

- **Terra Distante** - Impressões de Goiás - 1925;
- **Epopéia de Mato Grosso no Bronze da História** - 1926;
- **Campanha Austro - Prussiana de 1826**;
- **Campanha do Uruguai**;
- **Guerra de Secessão**;
- **A Guerra do Chaco**; e
- **Marechal Pego Júnior e a invasão do Paraná**.

Em 1979, na sala dos professores da AMAN encontrava-se em local de destaque sua espada. Faleceu aos 74 anos, após 38 de magistério militar. A presente referência é feita em atendimento a carta de 06 de março de 1978 ao autor, do Ten-Cel Henrique Oscar Wiedersphan e com apoio em subsídios por ele fornecidos. O missivista, contemporâneo do general Cordolino, considerado injustiçado como historiador e vítima de uma conspiração do silêncio:

***"Parece haver uma restrição à maneira como ele redigia os seus trabalhos. Talvez, por colidirem de certo modo, com as diretrizes da Missão Francesa da época, anteriores à 2ª Guerra Mundial e por esta modificadas em sua essência pelos acontecimentos de 1940, sob o ponto de vista doutrinário".***

Seus livros, História Militar Geral e do Brasil contêm mais detalhes sobre sua obra. Até hoje, parte de seus estudos infra-estruturam o ensino de História Militar na AMAN. Sua história era descritiva.

31- Julgo, salvo melhor juízo, que Wiedersphan foi um pioneiro do estudo crítico militar das batalhas brasileiras. Sua obra inspirou-se em Von Schiliffen chefe do Estado-Maior alemão após a Guerra franco-prussiana (1870).

## **CAPÍTULO 5**

### **A TEORIA DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO ,OU TEMAS HISTÓRICOS SOBRE O EMPREGO DAS FTB, PARA A PESQUISA E ESTUDO CRÍTICO, COM VISTAS A FORMAÇÃO DO COMBATENTE E AO DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA**

#### **Um Exemplo**

Em 1960, em viagem de estudos do 3º Ano da ECEME ao Rio Grande do Sul, foi organizado um grupo de história e geografia, integrado pelos seguintes oficiais, então majores:

Oswaldo de Faria, Jonas Morais Correia Neto, Léo Guedes Etchegoyen, José Maria de Toledo Camargo, Manoel Theophilo Gaspar de Oliveira Neto e Rubens Junqueira Portugal (1).

Com apoio da História Militar Geral e na História do Exército Brasileiro, na área, elaboraram precioso subsídio intitulado - **A Força Resposta** (2).

Em certa altura ressaltaram a importância para um comandante de GU, de dispor de um assessor de História e Geografia, ausência lamentada pelo Duque de Caxias durante a Guerra da Tríplice Aliança.

***“Buscamos exemplos de História do Exército e mundial para apoiar nossas impressões. Se as campanhas militares do Brasil nos trazem valiosos subsídios sobre o terreno e o homem (chefe e combatente) brasileiros, são as guerras mais recentes, em outros países, que nos trarão, principalmente, informações preciosas sobre processos e equipamentos de combate mais modernos.”***

Julgamos que o verdadeiro papel do assessor de história e geografia de um comandante não é o de apresentar ou pretender dar aulas para um comandante. Mas contribuir com idéias que o auxiliem a tomar a verdadeira decisão que há de trazer a vitória definitiva".

Após a guerra dos Seis Dias, Moshe Dayan, em reunião de oficiais, ressaltou a contribuição relevante dos assessores da história de seu Exército, para a vitória final. Assim nos foi transmitido pelo então coronel Octávio Medeiros, adido militar brasileiro naquele país.

O grupo de história e geografia do 3º ano da ECEME, citado terminou o seu modelar trabalho com a seguinte conclusão, que merece ser meditada e provocar atitudes sadias de parte de todos que se empenham e se empenharão, no futuro, na construção do Exército Brasileiro à altura do Brasil Potência:

***"Está exaustivamente provado que o Brasil não pode continuar copiando doutrinas estrangeiras. Precisamos tratar da nossa própria doutrina militar, alicerçada nas nossas tradições, nas características de nossa gente, nas peculiaridades de nossa índole, na fisiografia de nossas regiões naturais, nas possibilidades de nossa economia e nos anseios pelo nosso futuro de potência mundial. A importação pura e simples que vem sendo feita, o mais das vezes em flagrante oposição às nossas condições atuais, está a exigir urgente e radical alteração. Elementos interessados já começaram a ventilar a transformação, pela formação de uma doutrina toda nossa (3). Mas a idéia precisa de mais apoio, de mais compreensão, de mais difusão.***

Seria o caso de perguntarmos, para ventilar o assunto:

Quais os pontos mais importantes que deverão orientar a formulação de uma Doutrina Militar Brasileira? Pensamos que sejam principalmente estes: ***Funcionalidade, Adequação, Sobriedade, Agressividade e Dinamismo***".

A ECEME realizou importantes pesquisas sobre o assunto, as quais voltaremos a tratar em local próprio (4).

### **Temas de História do Exército para a Pesquisa e Estudo Crítico**

A seguir transcreveremos parte do Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército Brasileiro, elaborado pela extinta Comissão de História do Exército Brasileiro (CHEB), sob a égide do EME.

Ela se refere aos casos históricos de emprego do Exército, em missões internas e externas, desde o Descobrimento.

Como o leitor poderá constatar é um rico filão, ainda pouco explorado.

Já foi feito muito neste sentido. Mas o muito que já foi feito é quase nada diante do que precisa ser feito até o ano 2.000.

Para resolver o muito, depositamos esperanças na Port N<sup>o</sup> 61-EME-77, citada. Principalmente quando orientou esforço de todo o Exército ao prescrever:

**"São considerados participantes das atividades do Exército no campo da história, todo o pessoal e todas as organizações que integram o Ministério do Exército".**

Assim, a gigantesca tarefa de colocar a história do Exército a serviço de sua edificação, não será mais tarefa só de abnegados e esforçados estudiosos e historiadores do Exército. Os quais, sem esmorecimentos e, às vezes incompreendidos, dedicaram-se ou vêm se dedicando a esta relevante tarefa.

A partir do que for constatado quanto ao emprego das nossas Forças Terrestres, o chefe, o pensador, o estudante, o instrutor, o professor, o planejador, o historiador e os grupos de trabalho encarregados do desenvolvimento da Doutrina do Exército poderão concluir, num dado momento, as deficiências e pontos fortes dos outros campos dessa doutrina (**organização, equipamento, instrução e forças morais**). Campos relacionados com a Ciência da Guerra do Exército Brasileiro, numa ocasião considerada.

Fruto deste estudo ou pesquisa, emergirão soluções brasileiras válidas, capazes de alicerçar o Exército do futuro. Providência reclamada pelo grupo de trabalho de história e geografia mencionado no início deste capítulo e, anseio de várias gerações ao Exército, como temos procurado demonstrar até aqui.

O que iremos abordar a seguir é fruto do trabalho incansável e incessante de pesquisa, levada a efeito, particularmente, pelo coronel Francisco Ruas Santos durante mais de 20 anos com o qual contribuimos em 1971/1974, como seu A Adjunto na Comissão de História do Exército do EME. Trabalho do Cel Ruas Santos seja nas horas de lazer, seja no desempenho de funções correlatas na AMAN, EME e EMFA, com o apoio moral e material desses estabelecimentos ou órgãos militares. Traduz o campo do Emprego na História de Doutrina do Exército Brasileiro. Ou, o acervo cultural militar terrestre brasileiro em Arte de Guerra, acumulado em quase cinco séculos: O Trabalho a seguir se refere ao Emprego de Forças Terrestres Brasileiras, do quais das fontes que o abordam o analista militar poderá concluir sobre a Doutrina que força terrestre, no tocante a a sua ORGANIZAÇÃO, EQUIPAMENTO, INSTRUÇÃO, MOTIVAÇÃO e EMPREGO. E daí concluir a existência ou não de ensinamentos capazes de contribuir para a instrução da tropa, para a Doutrina Militar Brasileira e para a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, em especial para o Exército Brasileiro.

#### **410/419 LUTAS COM ESTRANGEIROS NO CONTINENTE**

Lutas com estrangeiros no continente

##### **LUTAS COM FRANCESES**

411.0 Lutas com franceses

411.1 Lutas isoladas com franceses (15-55)

411.2 Franceses no Rio de Janeiro (1555-67)

411.3 Franceses na Paraíba (15..)

411.4 Franceses no Maranhão (16..)

411.5 411.5/6 Invasões francesas (1710-1711)

411.5 Invasão francesa (1710)

411.6 Invasão francesa (1711)

411.7 Franceses no Amapá

411.8 Guerra com a França (17..-815)

Guerra com a França. Defesa territorial

411.80 Campanha de Caiena (1809)

411.9 Lutas com franceses não classificadas, por Estado e período

## **LUTAS COM HOLANDESES**

412.0 Lutas com holandeses

412.10/. 19 Lutas isoladas com holandeses, exceto na Amazônia – em

412.3 - e no Atlântico Sul - em 412.24- estas entre 1621 a 1654

412.10 Lutas isoladas com holandeses

412.11 Holandeses no Rio de Janeiro (por período)

412.12 Holandeses em S. Vicente (por período)

412.13 Holandeses no Espírito Santo

412.14 Holandeses na Paraíba (1625)

Holandeses no Ceará (16..)

Lutas isoladas com holandeses entre 15.. e 1620, (não classificadas)

## **412.2 GUERRAS HOLANDESAS**

412.20 Guerra holandesa -1624-54 (Para a participação do Centro-Sul, ver 412.25)

412.21 Lutas com holandeses na Bahia (16..)

412.210 Lutas com holandeses na Bahia (1624-54)

Campanha da Bahia (1624-5)

Ataques holandeses à Bahia entre 1626

Ataques holandeses à Bahia

Ataques holandeses à Bahia

Ex: 412.212.1 Ataque holan-

412.22 Lutas com holandeses no NE Oriental (16..)

412.220 Lutas com holandeses no NE Oriental

412.221.0/15 Campanha de Pernambuco (1630-

412.221.0 Campanha de Pernambuco (1630-54)

412.221.10. Conquista de Pernambuco (1630-6)

412.221.11 Invasão de Pernambuco (1630)

412.221.121 Expansão da conquista holandesa (1630-7)

412.221.120 Expansão da conquista holandesa (1630-7)

412.221.121 Expansão da conquista holandesa, por feitos; ex: 412.221.121 - Batalha de Mata Redonda (1637 - Jan 17-8)

412.221.2 Insurreição Pernambucana (1645-54)

412.221.20 Insurreição Pernambucana (1645-54)

412.221.21 Insurreição Pernambucana por feito. Ex:

412.221.21 Batalha do Monte das Tabocas (1645), Batalhas dos Guararapes.

412.221.3 Capitulação holandesa (1654)

412.221.4/.5 Feitos não classificados da campanha de Pernambuco  
 412.222 Campanha de Alagoas (16..)  
 412.223 Campanha da Paraíba (1630-54)  
 412.22 Campanha do Rio Grande do Norte  
 412.22 Campanha do Ceará (16..)  
 412.226/.229 Feitos das lutas holandesas no NE Oriental não classificado  
 412.230/.239 Lutas com holandeses no NE Ocidental  
 412.230 Lutas com holandeses no  
 412.231 Campanha do Maranhão 412.240/.249 Lutas com holandeses no Atlântico  
 412.240 Lutas com holandeses no

412.241 Luta pela posse de  
 412.242 Batalha dos Abrolhos  
 412.243 Batalhas navais de 1640  
 412.244/.249 Lutas com holandeses no Atlântico Sul não classificadas  
 412.25 Guerra holandesa. Participação do Centro-Sul na (Expedição libertadora de Angola)  
 412.3 Lutas com holandeses na Amazônia  
 Lutas com holandeses na Amazônia (16..)  
 Lutas com holandeses na Amazônia, por operação.  
 Ex: 412.31, Xingu, Conquista dos Fortes do  
 412.4/.9 Lutas com holandeses não classificadas

#### 413/413.9 LUTAS COM ESPANHÓIS E DESCENDENTES

##### **Lutas com espanhóis e seus descendentes**

Lutas isoladas com espanhóis (por denominação e período)

413.2 Guerra do Sul (1680-1821)  
 412.21.26 Guerras do Sul pelos episódios a seguir:  
 413.21 Colônia do Sacramento, Ataque à, (1680)  
 413.22 Colônia do Sacramento, Sítio da, (1704-5)  
 4123.23 Colônia do Sacramento, Sítio da, (1735-6)  
 413.240/.249 Guerras do Sul (1763-77)  
 413.240 Guerras do Sul (1763-77)  
 413.241 Campanha do Rio Grande (1763-77)  
 Reconquista Vila do Rio Grande (1776 Abr 1)  
 413.24 Ocupação de S. Catarina (1777)  
 413.243 Guerras do Sul (1763-77), consequências das  
 413.244/.249 Assuntos das guerras do Sul não classificados  
 413.25 **GUERRA 1801 (RS, MT, AMAPÁ)**

##### **/INVASÃO BANDA ORIENTAL PELO EXÉRCITO PACIFICADOR (1811-1812) (5)**

413.250 Guerra de 1801 - RS  
 413.250. Conquista dos Sete Povos das Missões  
 413.250. Conquista do Distrito de Cerro Largo (Entre o Piratini e Jaguarão)  
 413.250.2 Operações na Fronteira do Rio Pardo  
 413.250.20 Expulsão dos espanhóis de São Gabriel e Santa Tecla

- 413.250.3 Operações na Fronteira do Rio Grande  
 413.250.30 Expulsão das guardas dos espanhóis entre os rios Piratini e Jaguarão  
 413.250.31 Combate do Passo das Perdizes  
 413.250.4 Operações junto ao Passo da Conceição do Jaguarão  
 Conseqüências da guerra 1801 - RS  
 413.251 Guerra 1801 - MT  
 413.251 Ataque espanhol ao Forte de Coimbra (16-24 Set 1801)  
 413.251.1 Ataque português ao Fortim S. José no Rio APA-MT  
 413.251.2 Conseqüências da guerra de 1801, em MT
- 413.252 Conseqüências da guerra em 1801, no Amapá  
 413.253 Conseqüência da guerra de 1801 (Tratado de Badajoz)  
 413.254 Invasão da Banda Oriental pelo Exército Pacificador (1811-12)  
 413.254 Concentração em Bagé  
 413.254.1 Invasão da Banda Oriental (pelo Passo Centurion)  
 413.254.2 Conquista do Forte de Cerro Largo  
 413.254.3 Conquista do Forte de Santa Tereza  
 413.254.4 Operações do Exército Pacificador no interior da Banda Oriental  
 413.254.5 Acampamento do Exército Pacificador na margem do rio Uruguai, na Banda Oriental  
 413.254.6 Acampamento do Exército Pacificador nas cabeceiras do rio Cunha Peru, no interior da Banda Oriental  
 413.254.7 Operações militares do Distrito Militar de São Borja, entre os rios Ibicuí e Quaraí (Distrito de Entre Rios).  
 413.254.8 Reinternação no Rio Grande do Exército Pacificador  
 413.254.9 Conseqüências da Campanha do Exército Pacificador
- 413.26 PRIMEIRA GUERRA CONTRA ARTIGAS (1816-17)**  
 413.261 Combate do Passo do Uruguai (1816 Out 13)  
 413.262 Combate de Ibirocaí (1816 Out 19)  
 413.263 Combate do Carumbé (1816 Out 27)  
 413.264 Combate de Arapey (1817 Jan 3)  
 413.265. Combate de Catalan (1817 Jan 4)  
 413.266 Combate do Itaqui (1817 Jan 19)  
 413.267/ Invasão do Japery (1817 Jan 20)  
 413.268 Raid" do Tenente Luiz Carvalho, a partir de São Borja, na margem direita do Uruguai (1817 Jan/Fev)  
 413.269 Operações na Fronteira das Missões  
 413.269.0 Combate do Passo Japery (1816 Out 21)  
 413.269.1 Combate do Passo Santa Maria  
 413.269.2 Ibicuí 1816 (Set 21-7 - Out 3)  
 413.269.3 Sítio de São Borja (1816 Set 7)  
 413.269.4 Combate de São Borja (1816 Out 3)  
 413.269.5 Outras ações na Fronteira das Missões (São Borja)  
 413.27 Conquista de Montevidéu pela Divisão de Voluntários Reais ao comando de Lecor  
 413.270 Combate entre o arroio Chuí e Montevidéu  
 413.28 Segunda Guerra Contra Artigas  
 413.280 Batalha de Taquarém

413.281 Outras ações nesta guerra no RS  
 413.29 Incorporação da Província Cisplatina ao Reino Unido do Brasil Portugal e Algarves

### 413.3 **GUERRA CISPLATINA**

413.30 Guerra da Cisplatina  
 413.31 Guerra da Cisplatina, Causas da.  
 413.32 Operações no Uruguai (1825-7)  
 413.33 Campanha do Rio Grande (1825-7)  
 413.330 Campanha do Rio Grande (1825-7)  
 413.330.1 Batalha do Passo do Rosário (1827 Fev 20)  
 413.330.2 Operações no Rio Grande do Sul posteriores à Batalha do Passo do Rosário  
 413.34 Guerra da Cisplatina, Conseqüências da

### 413.4- **GUERRA COM ORIBE E ROSAS**

413.40 Guerra com Oribe e Rosas  
 413.41 Guerra com Oribe e Rosas, Causas da  
 413.42 Campanha do Uruguai (1851-2)  
 413.43 Campanha de Buenos Aires (1852)  
 413.430 Campanha de Buenos Aires (1852)  
 413.431 Batalha de Caseros (1852)  
 413.432/439 Assuntos não classificados da campanha de Buenos Aires - (1852)

### 413.5 **GUERRA DO URUGUAI (1864-5)**

413.50 Guerra do Uruguai (1864-5)  
 413.51 Campanha do Uruguai (1864-5), Causas da  
 413.52 Campanha do Uruguai (1864-5)  
 413.520 Campanha do Uruguai (1864-5)  
 413.521 Salto, Ataque a (1864)  
 413.522 Paissandú, Ataque a (1864-5)  
 413.53 Guerra do Uruguai (1864-5), Conseqüências da  
 413.54/59 Assuntos não classificados da Guerra do Uruguai (1864-5)

### 413.6 **GUERRA TRÍPLICE ALIANÇA (1864-70)**

413.60 Guerra da Tríplice Aliança  
 413.61 Guerra da Tríplice Aliança (1864-70), Causas  
 413.62 Tratado da Tríplice Aliança  
 413.63 Campanha de Corrientes (1865-6)  
 413.64 Campanha do Rio Grande do Sul (1865)  
 413.65 Campanha de Mato Grosso (1864-70)  
 413.66 Campanha do Paraguai (1866-70)  
 413.660 Campanha do Paraguai (1866-70)  
 413.661 Transposição do Paraguai (1866)  
 413.662 Operações em torno de Humaitá  
 413.662.0 Operações em torno de Humaitá (1866-8)  
 413.662.1/ Operações em torno de Humaitá, por episódios  
 413.662.1 Combate de Estero Bellaco (1866 Mai 2)  
 413.662.2 Batalha de Tuiuti (1866)  
 413.662.3 Operações para a conquista da Fortaleza de Humaitá (1866-1868)  
 413.662.31 Conquista de Curuzu

- 413,662.32 Ataque a Curupaiti (1866 Set)
- 413.663 Operações para a conquista de Assunção
- 413.663.1 Operações no Chaco -1868 (Marcha de Flanco de Piquiciri)
- 413.663.2 Operações da Dezembrada (1868)
- 413.663.20 Operações da Dezembrada (1868)
- 413.663.21/24 operações da Dezembrada pelas ações mais importantes
- 413.663.21 Batalha de Itororó
- 413.663.22 Batalha do Avaí
- 413.663.23 Batalha de Lomas Valentinas
- 413.663.24 Rendição de Angostura
- 413.664 Operações para a captura de Lopez
- 413.664.0 Operações para a captura de Lopez
- 413.664.1 Campanha da Cordilheira Batalha Campo Grande e Peribebuí
- 413.664.2 Operações posteriores à campanha da Cordilheira
- 413.67 Guerra da Tríplice Aliança, Conseqüências da

#### **431.7 LUTAS NA FRONTEIRA OCIDENTAL, EXCLUSIVE GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA**

- 413.70 Lutas, na fronteira ocidental (exclusive guerra da Tríplice Aliança)
- 413.71 Lutas com espanhóis e seus descendentes em Mato Grosso (exclusive guerra da Tríplice Aliança e levando-se em conta a divisão política vigente em 1870)
- 413.72 Lutas com espanhóis e seus descendentes na Amazônia (Excluído o Estado de Mato Grosso de 1870)
- 413.721 Lutas com espanhóis e seus descendentes na Amazônia, por luta e período; Ex: 413.721 - Campanha do Acre (189..-1903)
- 413.8/9 Lutas com espanhóis e seus descendentes, não classificados

#### **414- LUTAS COM INGLESES**

- 414.0 Lutas com ingleses
- 414.1 Lutas com ingleses no litoral
- 414.2 Lutas com ingleses na Amazônia (16..)
- 414.3 Questão Christie
- 414.4/.9 Lutas com ingleses, não classificadas - Incidente Cormorán (1851)

#### **415- LUTAS COM ESTRANGEIROS COLIGADOS, NO CONTINENTE**

- 415.0 Lutas com estrangeiros coligados, no continente
- 415.1 Lutas com estrangeiros coligados, por denominação
- 415.2/ 9 Lutas com estrangeiros coligados no Continente, não classificadas

#### **416- LUTAS COM PORTUGUESES**

- 416.0 Lutas da Independência
- 416.1 Guerra da Independência na Bahia (1822-3) - (Batalha de Pirajá)

- 416.2 Guerra de Independência no Nordeste (Batalha de Jenipapo)
- 416.3 Independência no Norte
- 416.4 Independência no Rio de Janeiro (1822)
- 416.5 Independência na Cisplatina (1822-4)
- 416.6 Independência em São Paulo (1822) (Episódio Bernarda)
- 416.7/9 Lutas com portugueses, não classificadas
- 417/419 **LUTAS COM ESTRANGEIROS NO CONTINENTE, NÃO CLASSIFICADAS**
- 420/29 **LUTAS CONTRA ELEMENTOS HOSTIS OU IRREGULARES**
- 420 Lutas com índios, quilombolas, bandidos ou canga-ceiros, e fanáticos
- 421 **LUTAS COM ÍNDIOS**
- 421.0 Lutas com índios
- 421.1 Lutas com índios no Leste, por divisão política; Ex: 421 Lutas com índios BA
- 421.2 Lutas com índio no Nordeste
- 421.20 Lutas com índios no Nordeste
- 421.21 Lutas com índios no Nordeste Oriental
- 421.210 Lutas com índios no NE Oriental
- 421.211 Lutas com índios no NE Oriental, por divisão política; Ex: 421.211 Lutas com índios PE
- 421.22 Lutas com índios no Nordeste Ocidental
- 421.220 Lutas com índios no NE Ocidental
- 421.221 Lutas com índios no NE Ocidental, por divisão política; Ex: 421.221 Lutas com índios MA
- 421.30 Lutas com índios na Amazônia
- 421.32 Lutas com índios na Amazônia, por divisão política
- 421.4 Lutas com índios no Sul
- 421.40 Lutas com índios no Sul
- 421.410 Guerra dos vicentinos com índios no Sul
- 421.411 Guerras dos vicentinos com índios no Sul, por divisão política
- 421.42 GUERRA GUARANÍTICA (1754-6),- combates de Caiboaté e Churueby (1756)
- 421.43 Lutas com índios no Paraná (exclusive as de bandeirantes paulistas)
- 421.44 Lutas com índios em Santa Catarina
- 421.45 Lutas com índios no Rio Grande do Sul (exclusive guerra guaranítica-421.42)
- 421.5 Lutas com índios no Centro-Oeste
- 421.50 Lutas com índios no Centro-Oeste
- 421.51 Guerras dos vicentinos com índios no Centro-Oeste por denominação e período
- Lutas com índios em Mato Grosso (exclusive as de bandeirantes paulistas)
- 421.53 Lutas com índios em Goiás (exclusive as de bandeirantes paulistas)
- 421.54 Lutas com índios em Rondônia
- 421.55/ 59 Lutas com índios no Centro-Oeste, não classificadas
- 421.6/ 9 Lutas com índios não classificadas

**LUTAS CONTRA QUILOMBOS**

422.1 Lutas com quilombolas, por denominação e período;

Ex: 422.1 Guerra dos Palmares(16..)

422.2 Lutas com quilombolas, estados, período

**423 LUTAS COM CANGACEIROS E BANDIDOS**

423.0 Lutas com cangaceiros e bandidos

423.1 Lutas com cangaceiros e bandidos, por divisão política e período

423.2/ 9 Lutas com cangaceiros e bandidos, não classificadas

**424 LUTAS COM FANÁTICOS**, inclusive sebastianistas,etc,( exclusive guerras de Canudos e Contestado), em 445.5 e 445 -7, respectivamente

424.0Lutas com fanáticos

424.1Lutas com fanáticos, por período;

Ex: 424.1 lutas com fanáticos (1838) - Muckers - (187.. RS)

425/429 Lutas com índios, quilombolas, bandidos ou cangaceiros, e fanáticos, não classificadas

**430/439 LUTAS FORA DO CONTINENTE**

430 Lutas fora do Continente

**431 Expedição de Angola (1648)** (Reconquista a partir RJ)

432 1ª GUERRA MUNDIAL (1914-8)

432.0 Guerra Mundial (1914-8)

432.1 Guerra Mundial (1914-8), Defesa territorial

432.2 Guerra Mundial (1914-8), Missões militares na guerra mundial 1914-1918.

432-3/9 Assuntos não classificados da guerra territorial na tares na mundial de (1914-8)

**433 GUERRA MUNDIAL (1939-45)**

433.0 Guerra Mundial (1939-45)

433.1Guerra Mundial (1939-45), Antecedentes-

433.2 Guerra Mundial (1939-45), Defesa territorial

433.3Guerra Mundial (1939-45), Missões militares-

**Campanha da Itália (1944-5)**

433.40 Campanha da Itália (1944-5)

433.41 Campanha da Itália Serchio,

433.42 Operações no Vale do, por denominação e período; Ex:

433.20 .Vale do Serchio,

433.421 Combate de Somacolonía (1944)

433.43 Reno, Operações no Vale do

433.430Reno, Operações no Vale do

433.43 Reno,Operações no Vale do, por denominação e

período; Ex: 433.431 Ataque a Monte Castelo (1944Nov 20)

433.44 Ofensiva de Primavera (1945)

433.440Ofensiva da Primavera (1945)

433.44 Operações da Ofensiva da Primavera, por denominação e período; Ex: 433.441 Monte

hse, Ataque (1945 Abr 14)

433.45 Ocupação de território italiano (1945)

433.5 Guerra Mundial (1939-45), Conseqüências da

- 434Expedição a São Domingos (ensinamentos)
- 435Expedição a Suez (ensinamentos)
- Lutas fora do Continente, não classificadas
- 440/445.9 **LUTAS INTERNAS**
- 441.LUTAS INTERNAS (1500-821)**
- 441.0Lutas internas (1500-821)
- 441.1Rebelião de Beckman - MA
- 441.2Guerra dos Emboabas - MG
- 441.3Guerra dos Mascates - PE
- 441.4Rebelião Baiana (1711) - BA
- 441.5Revolta de Vila Rica (1720) - MG
- 441.6 Inconfidência Mineira e Conjuração dos Alfaiates
- 441.61 Inconfidência Mineira - MG
- 441.62 Conjuração dos Alfaiates (1798) -BA
- 441.7Revolução Pernambucana (1817) - PE
- 441.8 Revolução (1821)
- 441.9 Lutas internas do período 1500-821, não classificadas
- 442 **LUTAS INTERNAS (1822-31)**
- 442.0Lutas internas (1822-31)
- 442.1Confederação do Equador (1824) - NE
- 442.2 Abdicação (1831)
- 442.3/ 9 Lutas internas do período 1022-31, não classificadas
- 443 **LUTAS INTERNAS (1831-41) - REGÊNCIA**
- 443.0 Lutas internas (1831-41)
- 443.1  
REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-45),RS e SC.
- 443.10 Ação Pacificadora de Caxias (MA, MG, SP e RS)
- 443.2Sabinada - BA
- 443.3 Cabanagem - PA
- 443.4Balaiada - MA
- 443.5/9 Lutas internas do período 1831-41, não classificadas
- 444 **LUTAS INTERNAS (1841-89)**
- 444.0Lutas internas (1841-89)
- 444.1Revolução de São Paulo (1842)
- 441.2Revolução de Minas (1842)
- 441.3Revolução Praieira
- 444.30 Revolução Praieira - PE
- 444.31Operação da Revolução Praieira, por denominação e período
- 444.4 Questões militares, abolicionismo e  
444republicanismo
- 444.40 Questões militares, abolicionismo,e republicanismo
- 444.41Questões militares, por período
- 444.42Abolicionismo
- 444.43 Republicanismo (1841-89)
- 444.5 República (1889)
- 444.6/9 Lutas internas do período 1841-89, não classificadas

**445LUTAS INTERNAS (1889)**

445.O Lutas internas (1889)

445.1Revolução (1891-2)

445.2 Revolta na Esquadra (1893-44)

445.3 Revolução Federalista (1893-5), RS, SC e PR. (Guerra Civil no Sul 1893-9)

**445.4 GUERRA DE CANUDOS**

445.40 Guerra de Canudos

445.41 Campanha de Canudos (1897)

445.42 Revolução (1897)

445.5 Revolta da Vacina Obrigatória 1904, nas escolas militares da Praia Vermelha e Realengo

445.6 Lutas do período 1889-914 por denominação e período;  
Ex: 445.6 - Revolução de Mato Grosso (1906)**445.7 GUERRA DO CONTESTADO**

445.70 Guerra do Contestado

445.71 Expedições da guerra do Contestado-por chefes e períodos

Fx: 445.71 Expedição Aleluia Pires 190.

**445.8 REVOLUÇÕES (1915-)**

445.80 Revoluções (1915-)

445.81 Revolução dos Sargentos (1915)

445.82 REVOLUÇÕES (1922-30)

445.820 Revoluções (1922-30)

4445.821 Revolução 1922 (18 do

445.822 Revolução 1923 - RS

445.823 Revolução (1924-6)

445.823.0Revolução (1924-

445.823. 1.Campanha de São Paulo 1924.

444.823.2Campanha de Mato Grosso 1924-1925

444.823.3Campanha do Paraná 1925

445.823.4Revolução do Rio do Rio Grande do Sul 1925

445.823.5"Coluna Miguel Costa-Prestes

445.824 Revolução (1930)

445.824.0Revolução (1930)

445.824.1Revolução (1930), por divisão política; Ex: 445.824.1  
Revolução 1930 - MG**445.83 REVOLUÇÃO (1931-)**

445.830Revoluções (1931-)

445.831Revolução (1932)

445.831.0 Revolução 1932

445.831.1Revolução de São Paulo (1932)

445.831.10Revolução de São Paulo (1932)

445.831.11Operações da Revolução de São Paulo, por setores;  
Ex: 445.831.11 Operações no Setor Leste

-445.831.2 Revolução 1932,por divisão política, exceto São Paulo

445.83 Revolução (1935)

445.832.0 Revolução 1935 (Intentona Comunista)

445.832.1Insurreição de 1935 por divisão política;

Ex: 445.832.1 Insurreição 1935 - RJ

445.833ESTADO NOVO (1937-45)

- 445.833.0 Estado Novo (1937-45)
- 445.833.1 Estado Novo, Implantação do
- 445.833.2 Revolução 1938
- 445.833.3 Estado Novo, Conseqüências do
- 445.834. Revolução 1945
- 445.835. Revolução 1954
- 445.836. Revolução 1955
- 445.837. Revolução 1956-63
- 445.838. Revolução de 1964

#### **445.9 LUTAS INTERNAS DIVERSAS**

445.90 **Lutas internas diversas** (são ações de guerra revolucionária e distúrbios civis sem esse caráter, de interesse restrito a uma localidade, e que não possam ficar abrangidas nas outras classificações de lutas internas; inclui tanto a atuação efetiva da força terrestre, quanto a previsão de emprego desta ou seu estado de prontidão para tais eventualidades)

445.91 **Lutas internas diversas**, por denominação, período e divisão política;

445.92 Ex: 445.91 Imposto do Vintém, Distúrbios do, 1880 Jan 4 RJ; 445.91 Jesuítas, Expulsão dos, 1760 BA

#### **450/499 EXPEDIÇÕES EM DEFESA DAS FRONTEIRAS SEM LUTAS**

- 450 Expedições e defesa das fronteiras, sem luta
- 451 Entradas e bandeiras, sem luta (1500-)
- 451.0 Entradas e bandeiras, sem luta (1500-)
- 451.1 Entradas e bandeiras, por denominação e período
- 452 Expedições ao Uruguai
- 452.1 Expedições ao Uruguai
- 452.1 Observação em Montevidéu 1854
- Observação em Montevidéu (1854)
- 454.0 Expedições à Amazônia
- 454.1 Expedições ao Amazonas, por período, exceto a Letícia - 454.2
- 454.2 Expedição de Letícia
- 455 Expedições de ultramar
- 455.0 Expedições de ultramar
- 460/499 Expedições e ações em defesa da fronteira, sem luta, não classificadas.

#### **Um Anseio da Geração do Exército de 1930**

Em 1930, Oscar Wiedersphan na apresentação de seu trabalho **Cannae e nossas batalhas** (4), após tratar de nossos combates e batalhas (Catalan, Sarandi, Ituizangó, Passo do Rosário, Monte Caseros, Curuzu, Curupaiti, Lomas Valentinas e Campo Grande) escreveu a certa altura:

***"Von der Goltz aconselhou que aqueles que escreveram sobre estratégia e tática deveriam fazê-lo sobre assuntos nacionais, atitude apenas proveitosa para a nação considerada... Por isto esperamos que se as páginas que se seguem servirem para a gênese de uma Doutrina de Guerra Brasileira, fundamentada em nossa História Militar, tradições possibilidades, grandezas, fraquezas e temperamento teremos cumprido uma parcela do programa que traçamos".***

**E prossegue:**

***"Sentindo a lacuna que existe em nossa História Militar, e animados pelo então capitão Agenor Leite de Aguiar, nosso mestre na Escola Militar do Realengo em 1930, a quem devemos os ensinamentos que adquirimos neste fundamental ramo da Arte da Guerra, é que aqui os aplicamos, no estudo de algumas batalhas nossas".***

Como Colocar os Temas de Emprego das FTB a Serviço dos Objetivos da História do Exército.

Um exemplo: Em 1973, no EME - CHEB, realizamos a pesquisa a seguir transcrita, tudo à luz do **Sistema de Classificação de Assuntos de História das FTB**, do EME - 1971:

CHEB, Boletim de Pesquisa N<sup>o</sup> 63 - Do Major Cláudio Moreira Bento.

ECEME - **Marechal Castelo Branco Seu Pensamento Militar**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército - 1966.

### LISTA DE ASSUNTOS

- 01 - REYNALDO Mello de Almeida, Gen Bda (Bibliografia, p. 7-8)
- 02- CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (Pensamento Militar)
- 3 - CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (Bibliografia)
- 4 - RUAS SANTOS, Francisco, Cel, B (Bibliografia)
- 5 - 115.1 ECEME (Função segundo Castelo,Branco), p. 15-7
- 6 - 105.1 Trabalho de Comando, 1948, ECEME, p. 19-40
- 7 - 105.1 Arte Militar 1946-8, ECEME, p. 15-7
- 8 - 105.1 Arte Militar - Guerra de Movimento, p. 62-5
- 9 -105.1 Arte e Ciência Militar 1946-8, ECEME p. 40-72 (Doutrina Militar e Guerra Moderna)
- 10 - 105.1 Arte Militar, 1962, ESAO, p. 73-85 (A Manobra Ofensiva)
- 11- CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal, B (Estudioso de História Militar pragmática, p. 89-117)
- 12- 412.20 Guerra Holandesa 1624-54, p. 85-95
- 13- 441.1 Revolução de São Paulo 1842, p. 96-101
- 14- 441.1 Combate de Santa Luzia 1842, p. 96-101 (Manobra de)
- 15- 413.40 Guerra contra Rosas e Oribe, p. 102-3
- 16- 413.60 Guerra da Tríplice Aliança 1864-70, Comando Aliado, Manobra Piquiciri. Estudo das operações 1866-1068, p. 104-125
17. 443.40 Campanha da Itália 1944-5, p. 134-5 (Problema humano -Participação do Brasil)
- 18- 042.0 O combatente brasileiro na FEB 1944-5 (Comportamento, características), p. 160-161
- 19- 042.0 Forças Morais no combate em relação a FEB, p. 160-1
- 20- CAXIAS de, B (Militar e Político), p. 163-5

- 21- SAMPAIO, Antônio de, Brig, B (Valor Militar), p. 166-70  
 22- OSÓRIO, Luiz Manoel, Mal, B (Homem, militar e chefe), p. 171-7  
 23- 042.2 Chefia e Liderança, p. 179-80 (Problema humano no Exército)  
 24- 042.2 O profissional militar, p. 181-2 (Perfil desejável)  
 25- 042.2 O Dever Militar, p. 183-4 (Concepção)  
 26- 042.0 O Oficial de Estado-Maior, p. 185-9 (Papel do Oficial de Estado-Maior)  
 27- 527.0 Forças Terrestres e a política de Segurança Nacional, p. 190-211  
 28 -NACIONALISMO,p.190-211  
 29-312 Guerra Revolucionária, p. 213-27  
 30- 020.0 Doutrina Militar Brasileira, p. 229-87  
 31- 50 Estratégia, p. 289-98  
 32-118.1 Estado-Maior do Exército 1963-4  
 33- 445.838 Revolução de 1964, Causas da, p. 303-4  
 34- 020 o Doutrina Militar Brasileira (Organização), p. 271-87

### APRECIÇÃO

#### I

Abrange parte do pensamento militar do Marechal Castelo Branco sobre assuntos profissionais militares da maior relevância, constantes da lista de assuntos.

#### II

Revela o historiador militar didático que foi o Marechal Castelo, ao procurar tirar ensinamentos da História das FTB.

#### III

Trabalho de grande relevância que merece estudo atento de parte dos alunos da ECEME, oficiais EM e de chefes, pensadores e historiadores militares do Exército.

#### IV

Síntese do pensamento e áreas de interesse cultural, de um dos mais destacados integrantes do Exército, no período 1944-64.

#### V

Repositório de ensinamentos doutrinários e históricos militares das FTB.

#### VI

Subsídio valioso para o desenvolvimento da Doutrina do Exército e das FA do Brasil.

#### VII

Contém às p. 303-4, importante documento histórico responsável pela eclosão da Revolução de 1964.

#### VIII

Obra mandada realizar pela ECEME sob a coordenação do Cel Ruas Santos, no arquivo do Marechal Castelo Branco doado à ECEME. Arquivo constante de 2.000 peças

catalogadas em depósito na Biblioteca Tasso Fragoso, da ECEME. Cooperou na obra o Major José Fernando Maia Pedrosa

## IX

O trabalho contém valiosos subsídios sobre Arte Militar (Estudo de Comando, Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos aplicados a casos históricos nacionais).

### Como Processar um Boletim de Pesquisa

Dentro do exemplo apresentado, seriam elaboradas várias fichas contendo o título da obra. Cada referência seria lançada em ficha separada (34 fichas). A apreciação constaria da **35ª ficha** (ou de mais de uma, se necessário) usando frente e verso.

Prontas as fichas elas seriam arquivadas em local próprio de acordo com o seu número de classificação.

Atacado o problema com determinação, por grande número de pesquisadores, ter-se-ia em poucos anos o patrimônio cultural do Exército dominado. Seja para colocá-lo a serviço da formação profissional de seus integrantes, seja para extrair subsídios para o desenvolvimento da Doutrina do Exército.

A partir dos casos históricos de Emprego das FTB, poder-se-ia convencionar o seguinte, com relação à História da Doutrina do Exército. Por exemplo:

433.4 - O Campanha da Itália 1944-5

A letra O referindo-se ao campo Organização, da Doutrina do Exército na FEB.

433.4 - E - Campanha da Itália 1944-5

A letra E referindo-se ao campo Equipamento, da Doutrina do Exército na FEB.

433.4 - I - Campanha na Itália 1944-5

A letra I referindo-se ao campo Instrução, da Doutrina do Exército na FEB.

433.4 - FM - Campanha da Itália 1944-5

As letras FM referindo-se ao campo Desenvolvimento das Forças Morais de Guerra, da Doutrina do Exército na FEB.

433.4 - Campanha da Itália (1944-5) abrangeria somente a história do emprego da FEB em operações (soluções encontradas para problemas táticos, logísticos, estratégicos, etc).

Assim procedendo, para os demais casos de emprego do Exército, e em acordo com prioridades, em poucos anos seria possível levantar-se a História da Doutrina do Exército. Ou, História da Ciência da Guerra do Exército Brasileiro, correspondente aos campos doutrinários da Organização, Equipamento, Instrução e Forças Morais. E mais, a História de Arte da Guerra do Exército Brasileiro, correspondente ao emprego histórico do Exército. No último caso, emergiriam as soluções táticas, estratégicas e logísticas brasileiras, que contribuíram para configuração de um Brasil de dimensões continentais, íntegro, uno, soberano e sob Deus. Estas soluções militares brasileiras seriam a matéria prima, após estudadas e criticadas, para alicerçarem o Exército do futuro (7), junto com subsídios obtidos do estudo doutrinário de guerras mais recentes ocorridas no exterior.

Este procedimento traria reais benefícios para o progressivo desenvolvimento da Doutrina do Exército, com um índice crescente de nacionalização, alimentado pelo

patrimônio cultural militar brasileiro de quase 5 séculos. Este era o sonho do Marechal Floriano no início da República (8).

### **Estágios do Ensino de História Militar**

Em abril de 1941, o coronel Tristão Alencar de Araripe, em artigo nº 17 da **Nação Armada**, sob o título "**A Importância dos Estudos de História Militar e sua Seriação nos Cursos**", emitiu abalizada opinião sobre o assunto. Como instrutor da ECEME, analisou o que nela tinha sido realizado de 1920-40 em História Militar, do ponto de vista profissional, pelos Gen Gamelin - MMF -(Estratégia de Napoleão), Gen Tasso Fragoso (Batalha do Passo do Rosário), Cel Derougemont - MMF - (Curso de Estratégia e História Militar), Maj Castelo Branco (Alto Comando na Guerra da Tríplice Aliança), e Cap Genserico Vasconcelos (Campanha 1851-52).

Depois sugeriu um esquema de como, no seu entender, com apoio em J. Colin na obra **Transformations de la Guerre** deveriam ser os estágios de ensino de História no Exército, bem como seus respectivos objetivos. Eis o esquema do mais tarde Marechal Tristão Alencar de Araripe, biógrafo de Tasso Fragoso, e Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil em seis oportunidades:

#### **1º Estágio - Elementar - AMAN**

Destinado a dar apenas uma idéia geral: dos fatos militares do passado; da evolução da Arte e da Ciência da Guerra; da fisionomia dos combates modernos; da natureza dos grandes problemas de organização de um país para a guerra; e dos fundamentos da Arte da Guerra, aplicados aos atuais processos de combate.

E dentro deste estágio, um aspecto de capital importância - o estudo da História Militar do Brasil visando à educação patriótica do futuro oficial, pondo em relevo o valor e as virtudes do soldado brasileiro, objetivando a formação e culto da tradição militar.

#### **2º Estágio - Médio - EsAO**

Destinado, principalmente, à análise da Arte e Ciência da Guerra aplicadas nas guerras mais recentes e naqueles em que as condições mais particulares se assemelham aos casos de guerra na América do Sul. **Corresponde ao estudo da Arte da Guerra, no nível tático, dos escalões até Brigada, sempre à luz de casos históricos reais.**

#### **3º Estágio - Superior - ECEME**

Destinado, principalmente, à análise da ação do comando, o seu trabalho intelectual, os planos de operações, as idéias de manobras, as circunstâncias em que essa ação se desenrola e os resultados obtidos. E a par dos ensinamentos diretos colhidos do estudo de cada operação histórica, incorporar os fundamentos da Arte da Guerra e o método de trabalho de comando.

#### **4º Estágio - Historiador Militar**

Destinado a acompanhar a evolução da Arte e Ciência da Guerra, a tirar conclusões de ordem geral e específica dessa evolução e a fixar seu sentido para o Exército Brasileiro, visando ao desenvolvimento de sua Doutrina.

Segundo o Mal Araripe, **"os estágios propostos não são estanques. Interpenetram-se e têm pontos de contato muito estreitos. E além, garantir-se-á em cada estágio o estímulo da novidade, fator do interesse e do bom êxito"**

Acreditava o Mal Araripe **"que a inobservância desses níveis, pelos instrutores e programas de ensino de História Militar, eram causas de fracassos e até de certo desprestígio do assunto entre nós".**

Condenava como inútil e contraproducente ministrar-se aos jovens cadetes a análise pormenorizada dos planos de operações e manobras de todas as principais batalhas de Napoleão. ***“Seria fazer-se o cadete viver, em Arte da Guerra, o nível de Alta Estratégia, em prejuízo do essencial, de interesse imediato do futuro comandante de Seção e Pelotão - a Arte e a Ciência da Guerra e a suas fundamentações históricas, aplicadas ao combate moderno.”***

O então Coronel Araripe iniciou o seu artigo com estas importantes considerações:

***"Ninguém desconhece a importância dos estudos de História Militar na formação do Chefe e conseqüentemente o valor da metodologia histórica na solução de problemas militares. Nos depoimentos dos grandes capitães encontra-se, quase sempre, a homenagem rendida aos ensinamentos da história das guerras passadas. As escolas e os cursos militares, por esta razão, dão aos estudos de História Militar grande parte de seus esforços".***

Eis pois uma opinião a ser considerada e aperfeiçoada.

### Notas ao Capítulo 5

1 - Foi o fundador do **O Alambari**, diário informativo interno da AMAN, desde 1953.

2 - Existe um exemplar no C Doc Ex. Possuímos um exemplar em nosso arquivo. Referido trabalho subsidiou, em 1973, planejamento de defesa do EME relativo ao sul do Brasil. Oferecemos nosso exemplar ao IGHMB.

3 - Quando freqüentamos a ECEME, em 1967-69, sob o comando do general Reynaldo de Almeida, fomos testemunhas deste esforço traduzido no SAEB (Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro) e no empenho da equipe da Área 2 - Operações em TO Continental.

4 - Vide do autor, O Culto das Tradições no Exército - Atualidade. **Revista Militar Brasileira** jan - jun, p. 37-38.

5 - Foram introduzidos pelo autor os temas do número 413.25 a 413.28, com suas subdivisões.

6 - WIEDERSPHAN, H. Oscar. **Cannae e nossas batalhas**. Rio de Janeiro, A Noite, 1934 (Obra financiada pelo autor, então Ten Art, auxiliar de instrutor do Realengo. Acreditamos obra pioneira em seu enfoque de valorização de nosso patrimônio cultural militar terrestre).

7 - O C Doc Ex possui, em seu acervo, vários boletins de pesquisa elaborados pelo autor e com mais intensidade pelo Cel Francisco Ruas Santos.

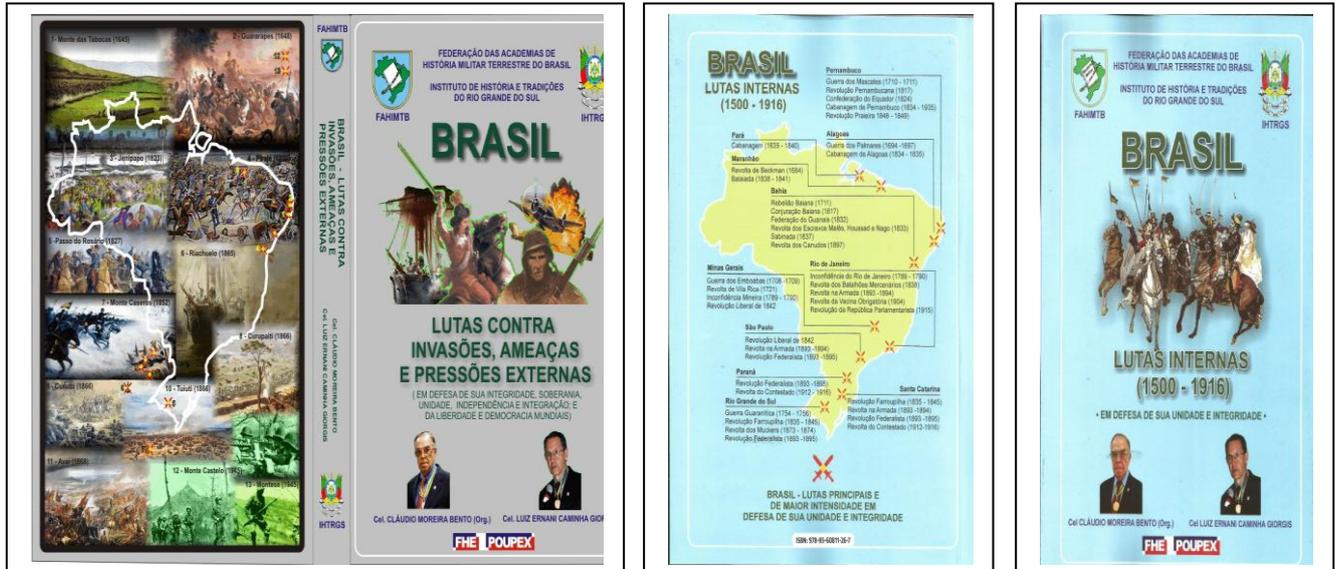
8 - Sonho de Floriano, perseguido pela Reforma Militar, pela geração do Exército de 30 e pelas atuais gerações, conforme abordamos no capítulo **História da História** do Exército.

Em carta de 18 de março de 1978 a nós dirigida, o Cel Ruas Santos diz a certa altura:

***"Infelizmente tem estado fora do entendimento de muitos que os arquivos nos deram o AMAPÁ. Pois o Barão do Rio Branco trabalhou a base de informações históricas e geográficas produzidas por Joaquim Caetano. Daí eles confundirem os que se dedicam à História como ratos de arquivo... É preciso cuidar da História nossa como fator de desenvolvimento de nossa Doutrina Militar. Simultaneamente,***

**ensinar tudo isto. E mais, a metodologia de pesquisa histórica, a alavanca para futuras construções".**

O Cel Francisco Ruas Santos foi, em vida, consagrado, com muito justiça, patrono da cadeira N° 33 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.



Os livros acima estão disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB, [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). Eles constituem em realidade os mais completos dicionários, sobre O Brasil Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas 1500-1946 e o Brasil Lutas Internas 1500-Atualidade. E ele seguiu a s classificações que abordamos no Capítulo 5 alguns Fundamentos abordados no Capítulo 4. As capas de ambos são de autoria do Capitão de Mar-e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, o criador e administrador de longa data do site da FAIMTB citado. E atualmente é instrutor de Navegação na Escolta Naval e autor do livro didático NAVEGAÇÃO INTEGRADA.

A responsabilidade pelo estudo militar crítico é responsabilidade do profissional militar em todos os seus escalões. Mas nem sempre o profissional militar e vocacionado para este mister e a tarefa acaba sendo executado por profissionais vocacionados para este tipo de pesquisa relevante, em especial os oficiais egressos da ECEME que lá praticaram com intensidade exercícios de História Militar Crítica à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar. Creio que na paz exercícios desta natureza sejam praticados com intensidade, para que na ocorrência de um conflito estejam aptos a fazer análises de História Militar Crítica, ou APAS Ações Análises pós ação da História Militar do Brasil. E foio que fizemos a partir de 1970, pondo em prática ensinamentos colhidos na ECEME, sobre os fundamentos da Arte e Ciência da Guerra, aplicados às Batalhas do Guararapes e intensificados na Comissão de História do Exército do EME 1971-1974, como adjunto de seu presidente o Cel Francisco Ruas Santos e mais tarde continuamos a praticar e a instruir os cadetes na AMAN, 1978-1980, na prática em seus níveis de Análise de História Militar Crítica, a luz de fundamento da Arte e Ciência Militar, introduzidos na AMAN, pelo citado Cel Ruas Santos e segundo nos informou por orientação do mais tarde Marechal Castello Branco.

A digitalização deste trabalho e em especial o capítulo 4 exigiram demoradas e exaustivas revisões e correções. E esperamos que ele seja aproveitado, em especial por chefes, planejadores, instrutores, pensadores militares e oficiais, em especial com o Curso da ECEME interessados neste assunto relevante.

História Militar Crítica é a que interessa a todos os profissionais do Exército e extraída do resgate de História realizados por historiadores civis formados em Faculdades de História, onde, com apoio de fontes primárias, (fidedignas, autênticas e integras), resgatam a História. E esta instrumento para os profissionais das diversas áreas resgataram os ensinamento que ela encerra para suas especialidade.